



**Escola Superior  
de Educação**

Politécnico de Coimbra

# A Lenda em manuais escolares do 2.º CEB - O caso dos Açores

Departamento de Formação de Educadores e Professores

Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e

Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico

2025, Márcia de Fátima Fagundes Ávila





Márcia de Fátima Fagundes Ávila

A lenda em manuais escolares de 2.º CEB – O caso dos Açores

Relatório Final de Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, apresentada ao Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Natália Albino Pires

Maio de 2025



## **Agradecimentos**

Nenhum trabalho se faz sozinho, muito menos entre uma ilha e um continente. Este percurso foi feito com a ajuda de muitas pessoas, a quem quero expressar o meu agradecimento.

À minha mãe, por todo o apoio, por ser um exemplo de força, coragem e dedicação. Sem ti, nada do que alcancei seria possível.

Ao meu pai, pela presença segura e constante.

À minha irmã, por me ter despertado, desde cedo, o gosto pelos livros e pelo saber. Obrigada por sempre me encorajares a chegar mais longe.

À Professora Doutora Natália Pires, pela orientação clara, assertividade e pela amizade com que sempre me acompanhou nesta viagem.

Ao Professor Doutor Virgílio Rato, pela amabilidade e disponibilidade com que me apoiou. Foi com esse apoio que ultrapassei os momentos de maior desalento.

À professora Ângela Costa, por me mostrar que a sala de aula é o primeiro exemplo de democracia na vida das crianças.

Ao professor Manuel Costa, pela atenção, disponibilidade e pelo sentido de humor, tão necessário, que tornou tudo mais leve.

À Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro, onde escrevi grande parte deste trabalho e pude aprofundar os meus conhecimentos sobre a história, as tradições e as lendas da minha terra.

Agradeço a todos os amigos ilhéus que, mesmo em tempos corridos, generosamente partilharam a sua bibliografia, os seus recursos e um pouco do seu tempo.

Às crianças com quem aprendi, agradeço por me lembrarem, com as suas perguntas inesperadas, que aprender é sempre um gesto inteiro e bonito.

E, por fim, à minha Valentina. Pela dádiva e pela vida que trouxe com ela.

### **A Lenda em manuais escolares de 2.º CEB – O caso dos Açores**

**Resumo:** As tecnologias digitais têm transformado profundamente as formas de socialização, aquisição de conhecimento e construção identitária, sobretudo entre os mais jovens. O acesso rápido à informação e a multiplicidade de plataformas virtuais desafiam os conceitos clássicos de identidade e sentido de pertença, tornando essencial refletir sobre o papel da escola nesse processo. No ensino do Português, a literatura oral, especialmente a lenda, destaca-se como um recurso privilegiado para fortalecer a identidade cultural e a memória coletiva (Cerrillo, 2005; Solé, 2018).

O presente estudo pretende compreender como os alunos açorianos do 2.º ciclo do Ensino Básico se relacionam com os conteúdos didáticos abordados através do estudo de três lendas – duas são de origem açoriana e uma, de Portugal continental, presente no manual escolar adotado. Ao analisar de que modos os alunos respondem a estas narrativas, procura-se perceber se a proximidade cultural e geográfica influencia a sua receção e consequentemente, as aprendizagens associadas a este tipo de texto.

A estrutura do Relatório Final organiza-se em três capítulos: enquadramento teórico sobre identidade e literatura oral, metodologia adotada e análise dos resultados. O estudo pretende ainda indicar que a exploração de lendas locais em contexto educativo pode reforçar a identidade local, estimular o pensamento crítico e promover uma aprendizagem mais significativa.

**Palavras-chave:** identidade cultural, literatura oral, ensino do Português, lendas açorianas, manuais escolares.

### **The Legend in 2nd CEB school textbooks – The case of the Azores**

**Abstract:** Digital technologies have profoundly transformed the in which individuals socialize, acquire knowledge, and construct their identities, particularly among younger generations. The rapid access to information and the multiplicity of virtual platforms challenge classical concepts of identity and belonging, making it essential to reflect on the role of school in this process. In the teaching of Portuguese, oral literature— especially the legend— stands out as a valuable resource for strengthening cultural identity and collective memory (Cerrillo, 2005; Solé, 2018). This study aims to understand how Azorean students in the second cycle of Basic Education relate to didactic content through the study of three legends— two of Azorean origin and one from mainland Portugal, the latter included in the adopted school textbook. By analysing how students respond to these narratives, the study seeks to determine whether cultural and geographical proximity influences their reception and, consequently, the learning associated with this type of text. The Final Report is structured in three chapters: theoretical framework on identity and oral literature, adopted methodology, and analysis of results. The study also aims to indicate that exploring local legends in educational contexts can strengthen local identity, stimulate critical thinking, and promote more meaningful learning.

**Keywords:** cultural identity, oral literature, Portuguese language teaching, Azorean legends, school textbooks.

## Sumário

|   |    |
|---|----|
| <b>1. INTRODUÇÃO</b> .....  | 1  |
| <b>2. COMPONENTE TEÓRICA</b> .....  | 4  |
| <b>2.1 A Lenda Enquanto Género de Literatura Tradicional</b> .....                                  | 5  |
| <b>2.2 Lendas, Espaço e Sentimento de Pertença: Uma Construção Cultural</b> .....                   | 8  |
| <b>2.3 Potencialidades Didáticas das Lendas</b> .....   | 10 |
| <b>2.4 Abordagem às Lendas nos Manuais Escolares do 2.º Ciclo</b> .....                             | 13 |
| <b>2.5 Lendas e Identidade Regional no Ensino do 2.º CEB nos Açores: Estado da Arte</b>             | 16 |
| <b>2.6 Da tradição à Escrita Criativa: Estrutura, Criatividade e Avaliação</b> .....                | 17 |
| <b>3. COMPONENTE INVESTIGATIVA</b> .....  | 21 |
| <b>3.1 Questões de Investigação</b> .....   | 22 |
| <b>3.2 Investigação-Ação: Enquadramento do Desenho do Estudo</b> .....                              | 22 |
| <b>3.3 Plano de Investigação</b> .....  | 24 |
| <b>3.3.1 Planificação</b> .....   | 24 |
| <b>3.3.2 Implementação</b> .....  | 25 |
| <b>3.3.3 Observação</b> .....   | 25 |
| <b>3.3.4 Reflexão</b> .....   | 25 |
| <b>3.4 Caracterização dos participantes</b> .....   | 27 |
| <b>3.5 A Escolha das Lendas</b> .....   | 27 |
| <b>3.6 Descrição das Atividades Realizadas</b> .....  | 29 |
| <b>3.6.1 Lendas <i>A Lagoa do Negro</i> e <i>De Pé de Moura a Moura Morta</i></b> .....             | 29 |
| <b>3.6.2 Lenda <i>As Caldeiras Encantadas</i> e Inquérito por Questionário</b> .....                | 31 |
| <b>3.6.3 Visita de Estudo: Trilho de Interpretação Ambiental e Cultural da Lagoa do Negro</b> ..... | 32 |
| <b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....  | 34 |
| <b>4.1 <i>A Lagoa do Negro</i>: Observação Participante</b> .....                                   | 35 |

|   |           |
|---|-----------|
| <b>4.2 De Pé de Moura a Moura Morta: Observação Participante.....</b>   | <b>37</b> |
| <b>4.3 As Caldeiras Encantadas: Observação Participante.....</b>  | <b>37</b> |
| <b>4.4 As Caldeiras Encantadas: Análise Das Produções Escritas dos Alunos.....</b>  | <b>38</b> |
| <b>4.5 Visita de Estudo: Observação Participante .....</b>  | <b>42</b> |
| <b>4.6 Avaliação dos Itens do Inquérito .....</b>   | <b>43</b> |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>  | <b>53</b> |
| <b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>  | <b>57</b> |
| <b>7. APÊNDICES .....</b>   | <b>64</b> |
| <b>Apêndice 2. Texto em suporte físico A Lenda da Lagoa do Negro.....</b>   | <b>66</b> |
| <b>Apêndice 3. Lenda De Pé de Moura a Moura Morta .....</b>   | <b>67</b> |
| <b>Apêndice 4. Oficina de escrita As Caldeiras Encantadas .....</b>   | <b>69</b> |
| <b>Apêndice 5. Lenda As Caldeiras Encantadas .....</b>  | <b>70</b> |
| <b>Apêndice 7. Transcrição dos textos dos alunos.....</b>   | <b>71</b> |
| <b>Apêndice 8. Textos dos alunos.....</b>   | <b>76</b> |
| <b>Apêndice 9. Inquérito por Questionário .....</b>   | <b>86</b> |
| <b>Apêndice 10. Pedido de autorização aos Encarregados de Educação – Trilho de interpretação Cultural e Ambiental .....</b>                     | <b>88</b> |
| <b>Apêndice 11. Pedido de autorização para a realização de investigação no contexto escolar .....</b>   | <b>91</b> |
| <b>Apêndice 12. Consentimento Informado – Encarregados de Educação .....</b>  | <b>92</b> |
| <b>Apêndice 13. Gráfico 8 Perceção dos Alunos sobre o Papel das Lendas na Compreensão Local.....</b>  | <b>93</b> |
| <b>Apêndice 14. Gráfico 9 Relação Lendas e a Proximidade com o Lugar de Residência .....</b>  | <b>93</b> |
| <b>Apêndice 15. Gráfico 10 Distribuição de Respostas por Dimensão de Análise .....</b>  | <b>94</b> |
| <b>Apêndice 16. Gráfico 11 Distribuição das respostas sobre a identificação dos elementos culturais e geográficos presentes nas lendas.....</b> | <b>94</b> |

|  |    |
|--|----|
| <b>Apêndice 17. Gráfico 12 <i>Distribuição das respostas sobre a compreensão do património cultural açoriano</i></b> ..... | 95 |
| <b>8. ANEXOS</b> .....   | 96 |
| <b>Anexo 1. Imagem da Lagoa do Negro</b> .....   | 97 |
| <b>Anexo 2. Exercícios de exploração da lenda De Pé de Moura a Moura Morta (p. 93)</b><br>.....                            | 98 |
| <b>Anexo 3. Imagem Lagoa Rasa e Lagoa Funda, Ilha das Flores</b> .....   | 99 |

### **Lista de abreviaturas**

**AC** – Análise de Conteúdo

**AE** – Aprendizagens Essenciais

**APL** – Arquivo Português de Lendas

**CEAU** - Centro de Estudos Ataíde Oliveira

**CEB** – Ciclo do Ensino Básico

**DGE** – Direção Geral da Educação

**DP** – Desvio Padrão

**MSAI** – Medidas de Suporte à Aprendizagem e Inclusão

**OC** – Orientações Curriculares

**PASEO** – Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória

**PE** – Professora Estagiária

**PES** – Prática de Ensino Supervisionada

**RF** - Relatório Final

## Lista de Gráficos

|  |           |
|--|-----------|
| <b>GRÁFICO 1.</b> DISTRIBUIÇÃO DAS LENDAS AÇORIANAS POR TEMAS (SANTOS & SANTOS, 2011, p.28).....                                       | <b>7</b>  |
| <b>GRÁFICO 2.</b> PERCEÇÃO DOS ALUNOS SOBRE O PAPEL DAS LENDAS NA COMPREENSÃO LOCAL.....   | <b>45</b> |
| <b>GRÁFICO 3.</b> RELAÇÃO LENDAS E A PROXIMIDADE COM O LUGAR DE RESIDÊNCIA .....   | <b>46</b> |
| <b>GRÁFICO 4.</b> DISTRIBUIÇÃO DE RESPOSTAS POR DIMENSÃO DE ANÁLISE .....  | <b>46</b> |
| <b>GRÁFICO 5.</b> DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS SOBRE A IDENTIFICAÇÃO DOS ELEMENTOS CULTURAIS E<br>GEOGRÁFICOS PRESENTES NAS LENDAS ..... | <b>47</b> |
| <b>GRÁFICO 7.</b> DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS SOBRE A COMPREENSÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL<br>AÇORIANO .....                              | <b>48</b> |

**Lista de Tabelas**

|   |    |
|---|----|
| <b>TABELA 1.</b> DISTRIBUIÇÃO DAS LENDAS POR ILHA (SANTOS & SANTOS, 2011, p.27) .....       | 7  |
| <b>TABELA 2.</b> GRELHA DE OBSERVAÇÃO PARA A ANÁLISE DAS PRODUÇÕES ESCRITAS DE LENDAS ..... | 20 |
| <b>TABELA 3.</b> ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS: MÉTODOS, TÉCNICAS E INSTRUMENTOS.....           | 26 |



**Lista de Imagens**

|   |           |
|---|-----------|
| <b>IMAGEM 1. INTERPRETAÇÃO DE FENÓMENOS NATURAIS A CAMINHO DA LAGOA DO NEGRO.....</b> | <b>33</b> |
| <b>IMAGEM 2. ALUNOS À CHEGADA À LAGOA DO NEGRO .....</b>                              | <b>33</b> |

## **1. INTRODUÇÃO**

A presença constante das tecnologias digitais tem transformado profundamente as formas de socialização, aquisição de conhecimento e construção da identidade, especialmente entre as gerações mais jovens. O acesso facilitado à informação, a comunicação instantânea e a diversidade de plataformas virtuais deram lugar a um ambiente dinâmico, no qual as fronteiras entre o real e o digital se tornam cada vez mais difusas. Neste cenário, emergem questões sobre a validade dos conceitos clássicos de identidade e do sentido de pertença, que vêm desafiar as formas tradicionais de reconhecimento individual e coletivo.

A identidade não é um elemento fixo, mas um processo dinâmico e negociado continuamente (Hall, 1997). No seu conceito de modernidade líquida, Bauman (2000) ressalta que a construção identitária enfrenta desafios constantes, tornando o sentido de pertença a grupos ou culturas uma tarefa em permanente reformulação. Castells (1997) complementa esta visão, destacando a identidade como um produto da interação entre indivíduos e os contextos socioculturais que habitam, sendo construída através de redes complexas de significados partilhados. Neste processo, a escola desempenha um papel privilegiado, pois permite mediar a relação entre os indivíduos e as narrativas culturais que sustentam a construção identitária e o sentimento de pertença.

No contexto do ensino da língua portuguesa, a literatura oral, particularmente a lenda, destaca-se como um recurso de excelência para preservar a memória coletiva e valorizar o património cultural (Cerrillo, 2005). Deste modo, incorporar este recurso no currículo escolar amplia o ensino para além dos aspetos linguísticos e literários, promovendo um sentido de pertença ancorado na cultura e na história locais (Solé, 2018).

É na interseção entre literatura oral, identidade cultural e didática que se insere este estudo, cujo objetivo é explorar as potencialidades pedagógicas das lendas açorianas no ensino do Português a alunos do 2.º ciclo do Ensino Básico de uma escola açoriana. Parte-se da hipótese de que a valorização das narrativas tradicionais favorece práticas educativas mais significativas, enraizadas nas referências culturais dos discentes, incentivando a sua participação ativa no processo de aprendizagem.

A investigação é orientada por três questões fundamentais: (1) De que forma a inclusão das lendas açorianas no ensino do Português em contexto açoriano pode reforçar a identidade local e o sentimento de pertença dos alunos? (2) Que estratégias

didáticas podem ser utilizadas para promover a apropriação significativa dessas narrativas? (3) De que modo estratégias educativas centradas no estudo das lendas locais contribuem para estimular a criatividade, o pensamento crítico e uma leitura reflexiva das narrativas?

Para responder a estas questões, será adotada uma metodologia de investigação-ação, analisando o impacto da utilização pedagógica de uma lenda sobre Portugal continental e duas lendas açorianas numa turma do 5.º ano, de uma escola da cidade de Angra do Heroísmo. A nossa análise visa abranger as competências linguísticas dos alunos, a capacidade de escrita e a forma como estes compreendem e integram essas narrativas como parte da sua identidade cultural.

O Relatório Final (RF) organiza-se em três capítulos principais. O primeiro apresenta o enquadramento teórico, explorando os conceitos de identidade, sentido de pertença e literatura oral, com especial atenção à lenda enquanto género narrativo e simbólico. O segundo capítulo descreve a metodologia adotada, incluindo os procedimentos de recolha e análise de dados. O terceiro capítulo dedica-se à apresentação e discussão dos resultados, refletindo sobre suas implicações pedagógicas e sugerindo direções para futuras pesquisas no âmbito da didática do português.

Este estudo procura aferir se a literatura oral, através das lendas, será um recurso pedagógico valioso, capaz de aproximar os alunos da sua matriz cultural, estimular a reflexão crítica e reforçar o sentimento de pertença a uma comunidade viva, portadora de memória e tradição partilhadas.

## **2. COMPONENTE TEÓRICA**

## 2.1 A Lenda Enquanto Género de Literatura Tradicional

Etimologicamente a palavra **Lenda** tem origem no latim, derivando de *legenda*, que significa *coisas que devem ser lidas*. Como nos indicam Santos & Santos (2011), inicialmente, este termo referia-se aos textos que eram lidos em voz alta nos mosteiros, especialmente durante cerimónias e práticas religiosas.

Nos primeiros tempos do cristianismo, era hábito nos mosteiros que, durante as refeições, fossem lidas narrativas de teor religioso, geralmente sobre a vida dos santos ou sobre relatos de eventos milagrosos. Esse costume ajudava a fortalecer os laços entre os fiéis e o divino. Com o tempo, a palavra passou a designar coletâneas dessas histórias, sendo uma das mais conhecidas a *Legenda Aurea*, compilada pelo dominicano Jácome da Voragine (1230-1298), que reuniu grande parte da hagiografia popular da Europa Ocidental (Santos & Santos, 2011).

Mais tarde, o significado do termo expandiu-se para abranger todas as narrativas orais que possuíam elementos fabulosos. Com essa ampliação, cresceu também a tendência de enfatizar características extraordinárias dos eventos ou personagens nelas retratadas. Assim, ao longo do tempo, o vocabulário foi ganhando uma conotação depreciativa que, aos poucos, começou a evidenciar a vertente inverosímil destas histórias.

De acordo com Cidraes (2014), a lenda caracteriza-se por se situar na interseção entre o conto e a fábula, com fronteiras estruturais pouco definidas e por possuir um carácter híbrido que dificulta a sua categorização. A lenda distingue-se pela sua capacidade de articular o real e o imaginário, mantendo uma base de verosimilhança que lhe confere credibilidade, mesmo ao incorporar elementos fantásticos, diferenciando-se assim de géneros como o mito ou o conto popular (Cerrillo, 2005). Por outro lado, Santos & Santos (2011) destaca que “as lendas manifestam um afastamento quase total da realidade em favor do maravilhoso” (p. 24) evidenciando a sua função de transcender o quotidiano ao incorporar elementos imaginativos. Assim, a lenda assume um papel duplo: explicativo, ao justificar fenómenos naturais ou reforçar tradições, e identitário, ao exaltar figuras heroicas ou valores de uma comunidade (Solé, 2018). Essa perspetiva é reforçada por Morote (2006) ao afirmar que “*es, en parte, histórica, pero también es explicativa de algunos accidentes y lugares geográficos*” (p. 391).

Finalmente, Carlos Nogueira (2008) refere que, "as lendas não são apenas histórias; são repositórios de valores, crenças e vivências que fortalecem a coesão social e a ligação ao território" (p. 52). No que diz respeito à sua classificação, a lenda é um género difícil de definir e de catalogar, em parte, devido à enorme dificuldade em estabelecer-se a fronteira entre o popular e o tradicional. Por esses motivos, qualquer catalogação terá sempre um carácter profundamente subjetivo, revelando, a linha condutora da investigação dos seus autores (Santos & Santos, 2011).

De entre a investigação feita em Portugal, destacamos a classificação estabelecida pelo *Arquivo Português de Lendas* (APL) – que reúne mais de 3600 composições, incluindo transcrições de inéditos do arquivo do Centro de Estudos Ataíde Oliveira (CEAU) a numerosos textos já publicados com consulta de 150 fontes – as composições são classificadas de acordo com seis grandes categorias (Cidraes, 2014):

- 1-** Lendas Sagradas
- 2-** Lendas do Sobrenatural
- 3-** Lendas Etiológicas
- 4-** Lendas Urbanas
- 5-** Lendas Históricas
- 6-** Miscelânea

Adicionalmente, Cidraes (2014) destaca o papel das representações visuais – como gravuras, pinturas e esculturas – na preservação das lendas. Este aspeto é especialmente relevante no caso das lendas históricas, cuja memória, em alguns casos, foi transmitida apenas através de expressões artísticas. Assim, a lenda transcende a oralidade, integrando outras formas de expressão cultural que contribuem para a perpetuação do património coletivo.

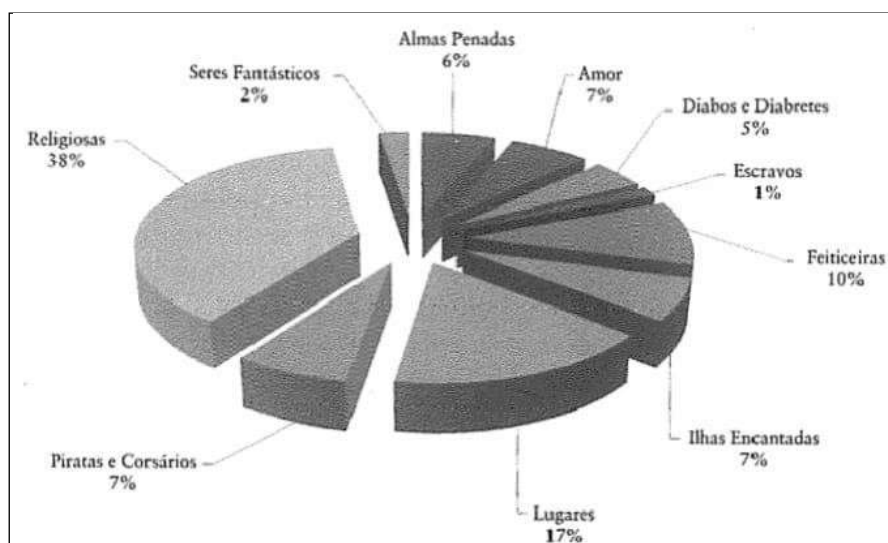
Dada a singularidade da experiência insular, Santos & Santos, na publicação *Lendas no Imaginário Açoriano* (2011), procuraram estabelecer categorias que proporcionem uma perspetiva arquipelágica, destacando temas comuns entre as diversas ilhas. Consequentemente, as lendas recolhidas foram agrupadas em 10 grupos temáticos: Almas Penadas, Amor, Diabos e Diabretes, Escravos, Feiticeiras, Ilhas Encantadas, Lugares, Piratas e Corsários, Religiosas e Seres Fantásticos.

À luz destas contribuições, compreendemos a lenda como uma história construída pelo povo, com o intuito de explicar um acontecimento da vida local e que mistura factos verídicos com ficção.

**Tabela 1. Distribuição das lendas por ilha (Santos & Santos, 2011, p.27)**

| ILHAS \ TEMAS | Almas Penadas | Amor      | Diabos e Diabretes | Escravos | Feiticeiras | Ilhas Encantadas | Lugares   | Piratas e Corsários | Religiosas | Seres Fantásticos |
|---------------|---------------|-----------|--------------------|----------|-------------|------------------|-----------|---------------------|------------|-------------------|
| Santa Maria   | 3             | 0         | 0                  | 2        | 2           | 3                | 3         | 5                   | 7          | 1                 |
| S. Miguel     | 2             | 6         | 1                  | 0        | 2           | 6                | 9         | 2                   | 20         | 1                 |
| Terceira      | 1             | 3         | 1                  | 1        | 2           | 0                | 5         | 0                   | 10         | 0                 |
| Graciosa      | 3             | 0         | 1                  | 0        | 4           | 0                | 4         | 2                   | 4          | 3                 |
| S. Jorge      | 2             | 1         | 3                  | 0        | 4           | 0                | 3         | 1                   | 10         | 0                 |
| Pico          | 1             | 0         | 2                  | 0        | 4           | 2                | 2         | 0                   | 12         | 0                 |
| Faial         | 0             | 3         | 0                  | 0        | 0           | 0                | 1         | 1                   | 4          | 0                 |
| Flores        | 0             | 0         | 0                  | 0        | 2           | 2                | 5         | 1                   | 4          | 0                 |
| Corvo         | 0             | 0         | 1                  | 0        | 0           | 0                | 1         | 2                   | 3          | 0                 |
| <b>TOTAL</b>  | <b>12</b>     | <b>13</b> | <b>9</b>           | <b>3</b> | <b>20</b>   | <b>13</b>        | <b>33</b> | <b>14</b>           | <b>74</b>  | <b>5</b>          |

**Gráfico 1. Distribuição das Lendas Açorianas por Temas (Santos & Santos, 2011, p.28)**



## 2.2 Lendas, Espaço e Sentimento de Pertença: Uma Construção Cultural

O termo **identidade**, derivado do adjetivo *idem* ("o mesmo") e do sufixo *dade* (estado ou qualidade), designa aquilo que se mantém constante, refletindo a semelhança de uma substância consigo própria (Ceia, n.d.)

De acordo com Giddens (1991), a identidade não é um atributo fixo, mas sim um “processo reflexivo que se constrói continuamente, baseado nas interações sociais e culturais” (p. 53). Assim, a identidade não resulta apenas de um legado herdado, mas é moldada através de discursos, práticas culturais e relações sociais que conferem aos indivíduos um sentimento de pertença a um determinado grupo. Hall (2006), sugere que as identidades são formadas dentro da representação, o que significa que os processos culturais e simbólicos desempenham um importante papel na sua construção e redefinição. Neste sentido, Bauman (2000) acrescenta que, de acordo com o conceito de modernidade líquida, a identidade torna-se mais instável e sujeita a renegociações constantes. Segundo o autor, “a identidade tornou-se uma tarefa interminável” (p. 83), por exigir que os indivíduos reafirmem e redefinam continuamente o seu lugar no mundo. Castells (1997) reforça esta ideia ao salientar que “a identidade é um processo dinâmico que se forma e se transforma em resposta a mudanças estruturais e interações sociais” (p. 7).

Para a construção do conceito de identidade individual e coletiva, a Geografia desempenha um papel determinante, na medida em que interfere diretamente com as condições de vida, as práticas culturais e a organização social das comunidades. Conforme sustentam Karasu Avci et al. (2017), a identidade dos indivíduos resulta da interação com o meio geográfico, uma vez que fatores como o clima, a topografia e a disponibilidade de recursos naturais determinam os modos de vida, as atividades económicas e os padrões de interação social. Para além deste impacto direto, a relação entre geografia e identidade reflete-se na construção do sentimento de pertença e na consolidação da memória coletiva, sendo a noção de *terra natal* um dos pilares da identidade nacional. Neste contexto, a geografia configura as dinâmicas sociais e culturais dos grupos humanos ao condicionar a perceção que os indivíduos têm de si próprios e dos outros, contribuindo para a afirmação e preservação das identidades regionais e nacionais.

Nos Açores, a identidade individual e coletiva articula-se de forma intrínseca com a identidade comunitária, entendida como um constructo social dinâmico, moldado pelas interações intersubjetivas, pela partilha de memórias coletivas e pela relação simbólica com o território. No caso das ilhas açorianas, a homogeneidade geográfica e o povoamento, feito maioritariamente por portugueses, funcionaram como um fator de identificação da era moderna. Contudo, a descontinuidade territorial e as dificuldades das comunicações resultaram num papel – inverso, “circunscrevendo os ilhéus ao seu micro mundo” (Ribeiro, 1996, p.31).

Vitorino Nemésio (1956), ao introduzir o conceito de "açorianidade", enfatiza precisamente a interligação entre identidade e espaço:

“A geografia, para nós, vale outro tanto como a história, e não é de balde que às nossas recordações escritas inserem uns cinquenta por cento de relatos de sismos e enchentes. Como sereias temos uma dupla natureza: somos de carne e pedra. Os nossos ossos mergulham no mar” (p. 8)

Recorrendo à imagem mítica das sereias, Vitorino Nemésio dá forma à ideia de que a experiência açoriana emerge de uma paisagem onde se entrelaçam o mar, a terra e o próprio homem, configurando-se como uma realidade geográfica simultaneamente desafiadora de habitar e complexa de compreender. No entanto, sendo a geografia indissociável da história, a identidade açoriana não se pode separar da paisagem que a envolve, sobretudo quando se considera o impacto que esta teve sobre aqueles que nela vivem. Afinal, ao longo dos tempos, a vivência açoriana foi marcada por formas variáveis de resistência física e pelo confronto com um imaginário frequentemente estruturado a partir das lendas que atravessam gerações, conferindo sentido ao espaço e à experiência insular.

Posto isto, importa integrar as construções ficcionais dos açorianos na compreensão da sua identidade e relação com o território. À luz disso, Zumthor (2010) atribui uma grande importância à oralidade ao sugerir que em contextos sociais e culturais limitados, a palavra falada é mais eficaz que a escrita – os vínculos entre os membros do grupo facilitam a comunicação. Para além disso, por estar ligada ao convívio e à repetição a oralidade contribui para a preservação da memória coletiva.

Como o autor afirma, “a oralidade interioriza, assim, a memória, do mesmo modo que a espacializa: a voz se estende num espaço, cujas dimensões se medem pelo seu alcance acústico, aumentada ou não por meios mecânicos, que ela não pode ultrapassar”(p. 44), o que vem reforçar a ideia de que a oralidade está ligada tanto à memória como ao espaço onde é partilhada. Assim, entendemos que as lendas açorianas, assumem um papel importante na construção da identidade regional, ao preservar a memória coletiva e a cultura deste povo.

Enquanto manifestações da oralidade tradicional, estas narrativas não só transmitem valores e crenças como também estruturam a perceção do espaço e do tempo dentro do imaginário comunitário, para o povo que as cria à maneira da sua visão do mundo, um enunciado de realidade, (quase) coincidente com a narrativa histórica (Brum, 1997). De acordo com esta autora, “a lenda era, para o povo, a história da freguesia, da ilha, das pessoas; fornecia-lhes a razão do nome do monte da ribeira ou do lugar; dava uma explicação para o acontecimento da ermida que branqueja lá ao longe; era a saga dos avós contra as situações adversas ou trágicas que ao longo dos séculos tiveram que enfrentar” (p. 126). O isolamento, frequentemente interpretado como um fator de resistência cultural, encontra reflexo nas lendas açorianas, que reforçam a autonomia e a especificidade do arquipélago. Neste contexto, o conceito de *sense of place* revela-se particularmente relevante, uma vez que descreve a relação entre uma comunidade e o território que habita. Relph (1976) sublinha que “o *sense of place* emerge das experiências vividas e das interações com o ambiente, criando um sentimento de enraizamento e continuidade” (p. 29). Assim, o espaço não é apenas um suporte físico, mas um elemento ativo na construção identitária, sendo dotado de significados simbólicos e emocionais. Tuan (1977) aprofunda esta perspetiva ao afirmar que “os lugares não são apenas locais geográficos, mas constroem-se através das emoções e significados atribuídos pelos seus habitantes” (p. 136). Este processo de atribuição de sentido não é automático nem universal: depende do modo como os espaços são vividos, narrados e apropriados. Assim, a identidade açoriana não se define apenas pela geografia insular ou pelos desafios da vida no arquipélago, mas também pela forma como esses elementos são reinterpretados através da tradição oral. Assim, as lendas concorrem para transformar espaço físico num lugar carregado de memórias e significados que fortalecem o sentimento de pertença e garantem a continuidade da herança cultural açoriana.

### 2.3 Potencialidades Didáticas das Lendas

A literatura de transmissão oral abrange uma diversidade de géneros, cada um com características estilísticas e linguísticas específicas. Estas particularidades têm sido amplamente reconhecidas pela crítica como recursos valiosos para o desenvolvimento linguístico, sobretudo ao nível do léxico e da sintaxe (Pires 2021).

Segundo a autora, vários estudos têm vindo a sublinhar a importância do contacto com textos da tradição oral, especialmente no desenvolvimento linguístico e cognitivo de crianças e jovens. Nesse sentido, Pires (2021) cita os contributos de Cerrillo (2010), González García (2007), Nogueira (2008, 2011a), Parafita (1999) e Pelegrín (2008), os quais defendem que este tipo de literatura favorece competências como a escuta ativa, a interpretação e a apropriação simbólica da linguagem. A esse propósito, Cerrillo (2007) refere que os textos tradicionais como lengalengas, trava-línguas e cantilenas ajudam a desenvolver a expressão oral, reforçam a memória verbal e contribuem para criar hábitos de leitura. Para além destas funções, estas composições permitem trabalhar a gramática de forma mais criativa e próxima dos alunos, em alternativa a abordagens mais formais. Também o ritmo e a repetição destas fórmulas orais despertam o interesse pela linguagem e facilitam a aprendizagem da leitura e da escrita, sobretudo nos primeiros anos de escola. Por tudo isto, Parafita (1999) afirma que "as crianças que contactam precocemente com textos da tradição oral revelam maior capacidade de escuta, interpretação e apropriação simbólica da linguagem, pois aprendem a compreender o mundo através da narrativa" (p. 87).

Para além do conteúdo verbal, importa reconhecer que a oralidade caracteriza-se como uma rede complexa de comunicação, composta por elementos paralinguísticos, cinésicos e pragmáticos que reforçam a eficiência da comunicação. Parafita (2012) defende que, ao contrário da linguagem escrita, a literatura oral expressa-se por meio de um sistema semiótico próprio, recorrendo a códigos extraverbais — musicais, corporais e vocais — que "enriquecem a experiência linguística, tornando-a mais expressiva, sensorial e próxima do ouvinte" (p. 72).

Para Marote (2006), o valor didático das lendas reside na sua capacidade de interligar o passado e o presente, o real e o imaginário. Permite trabalhar a memória individual e coletiva, ao mesmo tempo que desenvolve competências linguísticas, culturais e

"desarrolla el gusto por la lectura, da la oportunidad de presentar el uso funcional de la lengua en contextos significativos y ofrece la ventaja de la repetición, esencial para el afianzamiento de vocabulario" (p. 400)

Morote (2006) reflete sobre a questão da oralidade acrescentando que, ao ser partilhada através da fala, a lenda cria vínculos afetivos entre quem conta e quem escuta "las leyendas narradas o leídas en voz alta crean vínculos de afectividad, que contribuyen a la satisfacción personal de los receptores" (p. 401) sendo, por isso, instrumento relevante para a aprendizagem e para o crescimento emocional dos alunos. Este carácter expressivo e sensorial da oralidade revela-se particularmente adequado às especificidades das crianças em contexto escolar, ao alinhar-se com as suas formas habituais de perceção, expressão e aprendizagem da linguagem. García Mateos (1988, como citado por Pires, 2021) reforça esta perspetiva, ao destacar a relevância de determinados géneros da literatura tradicional para o desenvolvimento da linguagem em diferentes faixas etárias. Complementarmente, Pires (2021) acrescenta que os textos da literatura tradicional proporcionam às crianças momentos lúdicos que estimulam a imaginação e a criatividade, ao mesmo tempo que favorecem a compreensão do mundo que as rodeia — uma ideia também partilhada por González García (2007, como citado por Pires, 2021).

O uso das lendas no ensino da História tem vindo a revelar-se uma ferramenta pedagógica eficaz, especialmente no 1.º ciclo do ensino básico. Cooper (2012) destaca que as narrativas como lendas, mitos, contos de fadas e outros textos da tradição oral são comuns a diversas culturas e transmitem práticas e visões do passado. Estas histórias contribuem para uma melhor compreensão histórica, ao mesmo tempo que enriquecem o vocabulário e permitem refletir sobre causas, valores e consequências de determinados acontecimentos. Glória Solé (2018), num estudo realizado com alunos portugueses do 2.º ano, demonstra como as lendas, enquanto narrativas de tradição oral, ajudam à construção do pensamento histórico. A autora afirma que "as lendas, contos populares, folclores, mitos e contos de fadas (...) podem carregar consigo descrições de atividades do passado" (Solé, 2018, p. 185), o que as torna particularmente úteis para ensinar crianças a pensar historicamente. O estudo de Solé (2018) sugere que os alunos, mesmo tão novos, conseguem distinguir entre o que é

histórico e o que é ficcional, especialmente quando expostos a diferentes versões da

mesma lenda. Sobre este aspeto, a autora realça que "foi importante para os alunos este momento, uma vez que muitos conseguiram finalmente destrinçar o que é fundamental à lenda (factual) e o que é acessório (ficcional) " (p. 193). Outro aspeto importante está relacionado com a forma como as lendas são recebidas pelas crianças. Egan (1994) corrobora desta perspetiva ao sublinhar que estas histórias, cheias de aventuras e dilemas simples como "bem e mal, coragem e cobardia" (como citado por Solé, 2018, p. 188), abordam temas que lhes são familiares e despertam curiosidade, o que as ajuda a "entrar" na narrativa, sentirem-se parte dela e a quererem saber mais.

Para além do seu papel na preservação da identidade cultural, estes textos representam uma importante ferramenta no desenvolvimento da literacia, da interpretação textual, da criatividade e, também, do pensamento crítico. Neste sentido, Mattoso (2002) sublinha que, ao introduzir a oposição entre realidade e ficção, o professor contribui para formar leitores mais atentos e críticos.

Para além do seu impacto na aprendizagem da leitura e da escrita, as lendas podem ser utilizadas em metodologias ativas de ensino, como a dramatização, a narração oral e a reescrita criativa. A esse respeito, Parafita (1999) fundamenta que a recriação de narrativas tradicionais permite aos alunos apropriarem-se do texto, desenvolvendo a sua expressividade e capacidade argumentativa. Finalmente Solé (2014) também refere que a dramatização de lendas é uma estratégia eficaz para desenvolver a oralidade e a expressividade, ao potenciar a fluência verbal, o controlo do corpo e a confiança na comunicação

Apesar do reconhecido potencial didático das lendas, a sua abordagem nos manuais escolares do 2.º Ciclo do Ensino Básico revela-se, muitas vezes, limitada. Estes textos são frequentemente tratados de forma genérica, sendo usados sobretudo como suporte para o ensino da gramática e do léxico, o que contribui para uma exploração superficial das suas possibilidades educativas. Acresce ainda uma tendência para privilegiar lendas do território continental em detrimento das tradições locais e regionais, o que enfraquece a valorização do património imaterial e da diversidade cultural presente nas várias comunidades do espaço nacional.

## 2.4 Abordagem às Lendas nos Manuais Escolares do 2.º Ciclo

A lenda, enquanto texto narrativo, surge nos manuais escolares do 2.º Ciclo do Ensino Básico como conteúdo a abordar na aula de português do 5º ano, interpretação textual. A sua presença no currículo permite explorar diversas dimensões discursivas, desde a estrutura narrativa e os mecanismos da ficção até à sua função enquanto transmissora de valores e representações culturais. Contudo, a seleção das lendas para os manuais escolares influencia diretamente a forma como os alunos interagem com este género, determinando não apenas a sua familiaridade com o património oral, mas também a sua identificação com as narrativas e os contextos nelas representados.

A análise incidu sobre três manuais escolares do 2.º Ciclo do Ensino Básico: *Às das Letras* (Martins et al., 2022), *EuGénio* (Rente et al., 2022) e *Palavras em Linha* (Lopes & Aparício, 2023). A escolha destes manuais deve-se, por um lado, ao facto de estarem a ser usados em diferentes escolas da Ilha Terceira, incluindo a escola onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada (PES), e, por outro, à intenção de comparar propostas pedagógicas distintas no modo como as lendas são trabalhadas. Esta seleção pretende ainda comparar a experiência do estágio com uma amostra concreta do contexto local.

Consequentemente, verificou-se que os manuais escolhidos optem por abordagens distintas no tratamento das lendas, refletindo diferentes objetivos pedagógicos. Enquanto alguns enfatizam a gramática e a estrutura textual, outros procuram promover a oralidade e a relação das narrativas com o espaço e a cultura. No entanto, verifica-se um traço comum: a predominância de lendas de Portugal continental, em detrimento de narrativas regionais, nomeadamente açorianas.

### 1. *Às das Letras* (Martins et al., 2022):

- Este manual dá ênfase à gramática e ao vocabulário, utilizando o texto da lenda como ponto de partida para consolidar conteúdos formais da língua portuguesa. Por exemplo, são trabalhados elementos como sujeito e predicado, derivação de palavras e recursos expressivos.
- As questões de interpretação textual centram-se na compreensão direta e na reflexão sobre valores humanos, como o perdão e a amizade, evidenciados na lenda "Os Dois Amigos".
- Predomina a exploração gramatical, havendo menor atenção para o enquadramento cultural ou histórico da narrativa.

## **2. *EuGénio* (Rente et al., 2022):**

- Este manual valoriza a estrutura narrativa da lenda, promovendo a análise das suas partes (introdução, desenvolvimento e conclusão). É visível um esforço em contextualizar a narrativa "De Pé de Moura a Moura Morta" no quadro das lutas entre cristãos e mouros em Portugal.
- Explora-se a relação entre a narrativa e a toponímia local, promovendo uma ligação entre a história e a geografia do território nacional.
- Inclui atividades centradas na identificação de tempos verbais, adjetivação e descrição.

## **3. *Palavras em Linha* (Lopes & Aparício, 2023):**

- Este manual destaca-se pela importância da oralidade e na comparação de diferentes versões da mesma lenda. A exploração da lenda "De Pé de Moura a Moura Morta" é complementada por uma versão alternativa ("Lenda de Lomba"), promovendo a reflexão sobre a diversidade de narrativas na tradição oral.
- As atividades de escuta ativa são o centro da abordagem, reforçando a importância da audição e da oralidade no ensino da literatura tradicional.
- Contextualiza o género da lenda como parte integrante da literatura tradicional, ao explicar as suas características e funções no reforço da identidade cultural.

Pese embora esta escolha se revele pertinente no desenvolvimento de competências linguísticas dos alunos, nomeadamente ao nível da gramática e da construção textual, importa questionar se a integração de lendas locais, relativas ao contexto específico dos alunos, não enriqueceria a experiência de aprendizagem, promovendo um maior envolvimento dos alunos e uma relação mais significativa e autêntica com os conteúdos trabalhados.

Acresce que, os textos selecionados nos manuais analisados refletem, sobretudo, marcos históricos da formação do território continental, frequentemente associados à presença muçulmana e à Reconquista Cristã. As lendas "De Pé de Moura a

Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico  
Moura Morta" e "Os Dois Amigos" exemplificam este padrão, ao remeterem para um passado medieval onde o conflito entre cristãos e mouros se assume como pano de fundo narrativo.

Esta escolha, ainda que relevante para o contexto histórico de Portugal continental, revela-se pouco representativa da realidade açoriana, cujas narrativas orais emergem de uma matriz cultural distinta, marcada pelo isolamento geográfico, pela relação com o mar e pela adaptação a fenómenos naturais, como os vulcões e os sismos.

A esse propósito, Dias (1998) sublinha que a ocupação dos Açores se distingue pela sua natureza tardia, num contexto de expansão atlântica, sem contacto com populações pré-existentes ou conflitos de reconquista. Por conseguinte, o mesmo autor refere que o isolamento geográfico dos Açores conferiu ao arquipélago uma identidade cultural distinta, que não se inscreve nos paradigmas históricos do território continental. Assim, a ausência de narrativas regionais nos manuais escolares poderá não só comprometer a valorização da identidade açoriana, como também dificultar a construção de um vínculo sólido entre os alunos e as suas aprendizagens, quando estas se mostram mais distantes da realidade cultural e experimentada pelos alunos.

## **2.5 Lendas e Identidade Regional no Ensino do 2.º CEB nos Açores: Estado da Arte**

O estudo das lendas enquanto recurso pedagógico tem vindo a afirmar-se na investigação didática recente, sobretudo pelo seu valor interdisciplinar na promoção das aprendizagens histórico-geográficas no 2.º ciclo do Ensino Básico. A literatura científica evidencia o potencial educativo destas narrativas tradicionais, destacando-se particularmente o modo como favorecem o desenvolvimento da consciência histórica, a valorização patrimonial e o conhecimento do espaço geográfico (Solé, 1998). No entanto, verifica-se ainda uma significativa lacuna no que concerne à exploração explícita das lendas enquanto ferramenta para consolidar a identidade cultural regional, uma ausência especialmente sentida no contexto açoriano.

Matras-Mastalerz (2016) reforça o papel das lendas na formação identitária dos jovens, salientando que estas narrativas criam "uma conexão intergeracional que fortalece o sentimento de pertença a uma nação" (p. 132). Contudo, este autor enfatiza a sua análise essencialmente na identidade nacional, não abordando a dimensão regional ou comunitária, que é determinante num contexto insular como os Açores. Na mesma linha de pensamento, Glória Solé (2014) destaca a importância pedagógica das lendas no âmbito da educação patrimonial, sublinhando que "as narrativas tradicionais permitem trabalhar a consciência histórica e a valorização do património" (p. 88). Pese embora a sua abordagem revele o valor das lendas enquanto veículos de transmissão

cultural, a dimensão identitária surge de forma mais implícita, ficando ainda por aprofundar o seu papel na afirmação de identidades locais específicas.

Também Valipoor (2016) chama a atenção para a importância que as narrativas tradicionais têm em reforçar vínculos identitários em contextos urbanos, referindo que “as lendas permitem às comunidades reinterpretar a relação com o seu espaço, consolidando a identidade coletiva” (p. 45). Embora a sua abordagem se limite ao ambiente urbano, as suas palavras aplicam-se às particularidades das comunidades insulares. Por fim, Costa (2023) - num estudo onde se defende a valorização das narrativas locais na escola - apresenta um exemplo claro da eficácia do uso das narrativas locais no fortalecimento identitário de uma comunidade escolar brasileira.

Deste modo, a presente investigação ganha relevância ao propor uma abordagem inovadora que relaciona explicitamente o uso de lendas açorianas, enquanto recurso pedagógico, com o desenvolvimento identitário regional, no caso específico dos Açores.

## **2.6 Da tradição à Escrita Criativa: Estrutura, Criatividade e Avaliação**

A construção de uma grelha de observação para a análise das produções escritas de lendas pelos alunos do 2.º ciclo, justifica-se pela necessidade de criar um instrumento rigoroso que permita a avaliação sistemática da produção escrita, tendo em conta as especificidades do género narrativo estudado e as aprendizagens essenciais definidas para este nível de ensino. A lenda, enquanto narrativa de matriz oral, distingue-se pela integração de elementos culturais, geográficos e fantásticos, conferindo-lhe um valor identitário e pedagógico. Assim, a análise da forma como os alunos reescrevem estas narrativas pretende aferir a suas competência discursiva, a apropriação das convenções do género e a manifestação da criatividade no ato de escrita.

A grelha de observação estrutura-se em três grandes domínios: **(i)** Fidelidade à estrutura do género narrativo, **(ii)** Criatividade **(iii)** Construção textual e conformidade com as aprendizagens essenciais no que respeita à organização, coerência e correção linguística do discurso narrativo.

**(i) Fidelidade à Estrutura do Género Narrativo**

A progressão da narrativa e a coesão do enredo constituem-se como aspetos essenciais na construção da lenda, ao garantir a inteligibilidade do texto e a sua eficácia comunicativa. Além da estruturação sequencial dos acontecimentos, a especificidade deste género textual decorre do contexto cultural e geográfico, da caracterização da personagem principal e da sucessão das suas peripécias, do conflito e da sua resolução, bem como da presença de elementos fantásticos ou sobrenaturais. Segundo Cidraes (2014), o carácter maravilhoso na tradição oral não compromete a coerência do enredo, mas reforça a sua função explicativa e didática. A análise da produção escrita dos alunos deve, assim, considerar a organização textual, o desenvolvimento temático e a expressividade linguística, promovendo a apropriação consciente dos mecanismos narrativos próprios da lenda.

**(ii) Criatividade na Produção Textual**

A criatividade na escrita exige a mobilização de estratégias discursivas que ultrapassam os padrões convencionais e promovem a exploração de diferentes registos e formas de expressão. Segundo Caetano (2010), a criatividade pode definir-se com base em quatro critérios principais: fluência, flexibilidade, elaboração e originalidade.

Partindo desse pressuposto, no contexto das Aprendizagens Essenciais a serem desenvolvidas neste ciclo de ensino, traçaram-se objetivos específicos para cada uma destas dimensões, orientando a prática pedagógica e a avaliação da produção escrita. Assim, a **fluência** deve ser entendida como a capacidade de os alunos estruturarem a narrativa de forma clara e encadeada. A **flexibilidade** orienta-se para o desenvolvimento da capacidade de adaptação a diferentes estruturas narrativas, explorando múltiplas perspetivas e estratégias discursivas. A **elaboração** pressupõe a valorização do enriquecimento descritivo, que pode ser observado pela forma como os alunos caracterizam os espaços, as personagens e as ações, com o intuito de aferir maior densidade ao texto. Por fim, a **originalidade** deve ser avaliada através utilização diversificada de recursos expressivos e da experimentação de soluções criativas que permitam aos alunos construir narrativas originais e envolventes.

**(iii) Construção Textual e Conformidade com as AE**

A avaliação da produção escrita dos alunos deve estar alinhada com as Aprendizagens Essenciais (AE) do 2.º ciclo (2018), definidas pela Direção-Geral da Educação (DGE), que salientam a importância da coerência, coesão e clareza na construção textual. No contexto da escrita das lendas, pretende-se que os alunos sejam capazes de organizar sequências narrativas de forma lógica, recorrendo à utilização eficaz de conectores discursivos.

Finalmente, a verificação nas produções escritas dos alunos de estruturas de localização tais como a presença de advérbios e locuções adverbiais de lugar, conforme indicado por Pires (2011), permite aprofundar a análise das lendas, destacando a importância desses elementos na tradição oral portuguesa.

Tabela 2. *Grelha de observação para a análise das produções escritas de lendas.*

| <b>Categorias</b>                                   | <b>Subcategorias</b>                        | <b>Descrição</b>   | <b>Indicadores textuais</b>  |
|---|---|--|--|
| <b>1. Contexto Cultural e geográfico</b>            | Referências à cultura açoriana              | Menção a elementos culturais locais, como tradições, festividades e costumes.  | Expressões culturais, referências a práticas ou rituais regionais.   |
|   | Paisagem e espaço físico                    | Descrição do espaço onde decorre a narrativa, associado ao território açoriano.  | Nomeação de lugares, descrições ambientais (mar, montanhas, lagoas). |
| <b>2. Personagem principal e as suas peripécias</b> | Definição do protagonista                   | Existência de uma personagem principal bem caracterizada   | Nome, características físicas e psicológicas, papel na narrativa.    |
|   | Desenvolvimento da personagem               | Evolução da personagem principal ao longo da narrativa.  | Transformações, aprendizagens, mudanças no comportamento.            |
| <b>3. Conflito e resolução</b>                      | Ligação título-história                     | O título reflete claramente o conteúdo e a resolução do conflito apresentado.  | Relação explícita entre o título e os acontecimentos principais.     |
|   | Conflito e desfecho                         | O conflito apresentado tem uma resolução lógica e coerente.  | Enredo construído em torno da resolução do conflito.                 |
| <b>4. Elementos fantásticos ou sobrenaturais</b>    | Presença de elementos mágicos               | Utilização de seres míticos, fenómenos sobrenaturais ou fantásticos.   | Referência a seres ou fenómenos mágicos, sobrenaturais.              |
|   | Papel do fantástico na narrativa            | O fantástico é utilizado para explicar fenómenos ou criar tensão narrativa.  | Relação entre o fantástico e a construção do enredo.                 |
| <b>5. Criatividade</b>                              | Fluência                                    | Desenvolvimento amplo da ideia inicial com múltiplas abordagens.   | Uso de descrições detalhadas, desenvolvimento de eventos diversos.   |
|   | Flexibilidade                               | Capacidade de variar a narrativa sem rigidez estrutural.   | Alternância de perspectivas, mudanças na direção da narrativa.       |
|   | Elaboração                                  | Aprofundamento da narrativa.   | Uso de adjetivos, metáforas, descrições detalhadas.                  |
|   | Originalidade                               | Existência de elementos inovadores na narrativa.   | Ideias inesperadas, novas interpretações de lendas conhecidas.       |
| <b>6. Produção escrita</b>                          | Integração de elementos contextuais         | Manutenção clara do tempo e do espaço na narrativa (através do uso do tempos verbais adequados e estruturas de localização). | estruturas de localização  |
|   | Desenvolvimento da ação e uso de conectores | Construção progressiva da narrativa com relações lógicas entre acontecimentos.   | Uso adequado de conectores temporais, causais e adversativos.        |

### **3. COMPONENTE INVESTIGATIVA**

### **3.1 Questões de Investigação**

A presente investigação pretende explorar as potencialidades didáticas de duas lendas açorianas, especificamente (1) ao nível da promoção da motivação dos alunos para a aprendizagem deste tipo de texto; (2) ao nível do desenvolvimento da criatividade e pensamento crítico (i.e., instigar as crianças a questionar a verdadeira natureza dos fenómenos); (3) enquanto promotoras da compreensão sobre o meio envolvente e comunitário. O estudo adotou uma metodologia enquadrada no âmbito da investigação-ação, que será descrita mais detalhadamente na próxima secção deste trabalho.

### **3.2 Investigação-Ação: Enquadramento do Desenho do Estudo**

A investigação que aqui se apresenta assenta no princípio de que, como lembram Leitão e Alarcão (2006), “construir a profissionalidade docente não é apenas estabelecer uma boa relação com os conteúdos de ensino, mas é também ser capaz de se apropriar do processo investigativo como componente fundamental da sua formação e do seu desenvolvimento profissional” (p.68). Para esses autores, conceber o professor como investigador exige uma rutura epistemológica com os modelos de formação que o limitam ao papel de mero recetor do conhecimento produzido por outros. Nesse sentido, vincular a experiência investigativa à profissão docente constitui uma estratégia relevante tanto para o desenvolvimento profissional como para a melhoria das instituições escolares (Jaworsky, 2006).

Nesse contexto, a Investigação-Ação surge como uma metodologia qualitativa sólida, cuja fundamentação está na articulação entre a análise e a transformação das práticas educativas. Ao integrar pesquisa e ação, este modelo de investigação possibilita que os professores analisem criticamente as suas práticas e atuem como protagonistas na construção do conhecimento pedagógico. Partindo desse pressuposto, a investigação ultrapassa a dimensão teórica e integra-se à prática docente, promovendo uma formação que enfatiza a reflexão, a experimentação e a melhoria contínua do ensino.

Caraterizada pela sua natureza reflexiva, crítica e colaborativa, a Investigação-Ação é, nos dias que correm, amplamente reconhecida pelo seu potencial na promoção

do desenvolvimento profissional dos docentes e no fomento de processos educativos mais eficazes e significativos (Coutinho et al., 2009).

Neste contexto Coutinho et al (2009) definem a Investigação- Ação como uma metodologia que articula “ação (ou mudança) e investigação (ou compreensão), com base num processo cíclico ou em espiral, que alterna entre ação e reflexão crítica” (p. 360). Esta abordagem permite analisar de forma contínua e cuidada as práticas pedagógicas, com vista a apoiar uma mudança educativa sustentada na prática e na reflexão. Entre as principais características da investigação-ação, apontadas pelos mesmos autores, destaca-se o seu lado participativo e colaborativo, já que todos os envolvidos são vistos como co-investigadores no processo. De entre os modelos que orientam a implementação da Investigação-Ação, destaca-se o modelo original de Kurt Lewin, que inclui as etapas de planificação, ação, observação e avaliação (Coutinho et al., 2009). Este ciclo iterativo possibilita ajustes constantes e melhorias progressivas na ação educativa. De modo complementar, Stephen Kemmis (1989, citado por Coutinho et al., 2009) enfatiza quatro etapas estruturantes desta abordagem investigativa – planificação, ação, observação e reflexão – salientando o caráter simultaneamente retrospectivo e prospetivo da reflexão, com o intuito de melhorar, continuamente, a prática pedagógica.

Por sua vez, John Elliott (1993, citado por Coutinho et al., 2009) propõe um modelo mais extenso, que compreende etapas como a identificação e descrição do problema, formulação de hipóteses de intervenção, revisão dos resultados obtidos e elaboração de novos planos de ação baseados nas aprendizagens do ciclo anterior. O modelo de Elliot (1993) reforça a necessidade da revisão contínua das estratégias, promovendo uma melhoria sustentada e significativa das práticas educativas.

Além das etapas supramencionadas, importa ainda considerar as técnicas e instrumentos específicos de recolha de dados na metodologia da Investigação-Ação, que, segundo Coutinho et al. (2009) e Latorre (2003), se dividem em três categorias principais: observação, conversação e análise documental. No que concerne às técnicas de observação, estas incluem estratégias como observação participante, notas de campo, diário do investigador, memorandos analíticos e escalas de medida, o que possibilita uma análise direta e aprofundada do fenómeno estudado, proporcionando uma visão detalhada e reflexiva da realidade educativa.

As técnicas baseadas na conversação abrangem instrumentos como questionários, entrevistas e grupos de discussão (*focus groups*). Estes métodos potenciam o acesso a informações subjetivas dos participantes, ao permitir a exploração de crenças, atitudes, valores e experiências pessoais, o que contribui para uma compreensão aprofundada dos fenómenos educativos.

Por fim, a análise documental abrange documentos oficiais, como legislação, atas de reuniões e registos institucionais, e documentos pessoais, como diários, narrativas biográficas e relatos pessoais, que fornecem informações contextuais relevantes e possibilitam a análise histórica e crítica dos contextos educativos estudados. Destacam-se, ainda, técnicas audiovisuais, como fotografias, vídeos e gravações áudio, que visam complementar estas estratégias através da oferta de registos fiáveis e detalhados, para a reflexão dos professores sobre as suas práticas pedagógicas.

### **3.3 Plano de Investigação**

O estudo das potencialidades didáticas das lendas locais envolveu quatro momentos interdependentes, que refletem as etapas orientadoras de um plano de investigação-ação.

#### **3.3.1 Planificação**

Esta etapa diz respeito à seleção das lendas que integram o estudo, bem como à mobilização de outros recursos necessários à condução das atividades, tais como, elaboração de materiais escritos, recolha de imagens, contactos com contadores locais e gravação da lenda em registo áudio. Este primeiro momento também contempla a antevisão da condução das atividades letivas, especificamente ao nível da sua ordenação e dos objetivos que apresentam em torno dos temas a lecionar, tendo em conta os textos narrativos (lendas), as atividades a realizar e a avaliação das aprendizagens. Assim, esta primeira etapa cria a base preliminar a partir de qual (e sobre a qual) os outros momentos de investigação irão operar.

### **3.3.2 Implementação**

Consiste na execução dos trabalhos dirigidos à aprendizagem do género literário da lenda. Especificamente, apresentação de imagens que suportam o cenário das histórias, auscultação prévia dos conhecimentos, audição dramatizada da lenda, leitura em suporte de papel.

Adiante, damos conta, de forma minuciosa, da implementação e desenvolvimento dos trabalhos em contexto letivo.

### **3.3.3 Observação**

Apresenta um momento propício à realização de atividades de consolidação dos conhecimentos construídos pelos alunos, nomeadamente através da elaboração de uma lenda (atividade “Caldeiras Encantadas), elaboração das características definidoras deste tipo de texto, preenchimento de um inquérito (dirigido à avaliação do trabalho sobre as lendas na sua globalidade).

### **3.3.4 Reflexão**

Consiste, de uma forma geral, na avaliação, interpretação e sistematização dos dados. Dadas as características deste estudo e os seus objetivos, este assume uma metodologia mista no sentido em que integra uma dimensão quantitativa e outra qualitativa, adotando uma visão conciliadora de ambos os métodos de recolha de dados. Efetivamente, a complexa realidade inerente aos processos de educação e aprendizagem, bem como a natureza das questões em análise (e.g., avaliação das potencialidades pedagógicas inerentes às lendas Açorianas), beneficiou da articulação de ambas as metodologias, que aqui são implementadas de forma complementar, uma vez que cada uma delas contribui de modo distinto para a compreensão das questões que pretendemos estudar (Coutinho, 2013).

Segundo o autor supramencionado, uma metodologia mista é essencialmente caracterizada pela diversidade de técnicas de recolha e de análise sobre um determinado tema, possibilitando retirar o melhor de cada uma para responder ao problema e as questões de pesquisa elencadas. Assim, as questões de investigação contemplam, por um lado, a análise de conteúdo ao nível dos textos literários

produzidos pelos alunos (i.e., método qualitativo). Na sua componente quantitativa, a investigação apresenta um momento de recolha de dados orientado por um instrumento de autorrelato (i.e., inquérito). Neste sentido, a abordagem quantitativa manifestar-se-á na descrição e análise dos dados que observam as potencialidades pedagógicas das lendas Açorianas, especificamente no que concerne à motivação, interesse, aquisição de conhecimentos e diferenciação cultural. A operacionalização das questões de investigação, com recurso aos diferentes métodos e instrumentos de avaliação, é ilustrada na Tabela 1, apresentada em seguida.

**Tabela 3. Orientações metodológicas: métodos, técnicas e instrumentos.**

| Objetivos  | Métodos e técnicas de recolha de informação  | Técnicas de análise     | Instrumentos/<br>Produtos                |
|--|--|-------------------------|--|
| 1. Avaliar o impacto do estudo das lendas ao nível da motivação para a aprendizagem.   | Recolha de dados Estatísticos (questionário) | Análise Estatística     | Inquérito por questionário               |
| 2. Compreender de que modos as lendas podem instigar a criatividade e o questionamento sobre a natureza dos fenómenos que descrevem. | Observação Participante                      | Observação Participante | Fichas de Trabalho<br><br>Notas de campo |
| 3. Analisar a influência das lendas ao nível da compreensão do meio comunitário.   |  |                         |  |

Por fim, realçar que a realização do estudo foi previamente autorizada pelo Conselho Executivo da escola em que decorreu e que todos os alunos participantes preencheram um consentimento informado, no qual, entre outros aspetos, se destaca o carácter voluntário, anónimo e confidencial da informação recolhida, visto ser destinada exclusivamente para efeitos de produção académica. Assim, todos os dados recolhidos

foram tratados de forma anónima, respeitando-se as diretrizes dos princípios de ética aplicáveis à investigação em educação.

### **3.4 Caracterização dos Participantes**

O grupo envolvido neste estudo, uma turma de 5º ano de uma escola da malha urbana do Concelho de Angra do Heroísmo, é constituído por um total de 17 alunos, sendo 8 deles do sexo feminino e 10 do sexo masculino. A faixa etária situa-se entre os 10 e os 13 anos ( $X = 10$  anos;  $DP = .80$ ). Todos os alunos pertencem à mesma turma de uma escola urbana do concelho de Angra do Heroísmo. Destaca-se, contudo, que um dos alunos é repetente e outro é natural da ilha do Pico, tendo recentemente integrado a turma. Do ponto de vista do estatuto socioeconómico, refletido através da categorização nacional das profissões (Instituto Nacional de Estatística [INE], 2011), uma parte dos alunos é proveniente de famílias que desempenham atividades técnico-científicas de níveis médios e elevados, tais como profissionais de saúde e educação ( $n = 7$ ). As figuras parentais dos restantes alunos desenvolvem atividades de menor nível de complexidade funcional ( $n = 10$ ), como por exemplo na área do serviço doméstico.

Trata-se de uma turma heterogénea no que concerne aos percursos, nível socioeconómico e do aproveitamento escolar. Alguns alunos ( $n = 8$ ) destacaram-se com boas notas e comportamento exemplar, participando ativamente nas atividades escolares e mantendo uma boa relação com colegas e professores, enquanto outros evidenciaram maiores desafios na aquisição de algumas aprendizagens beneficiando, por isso, de maior apoio educativo. Nesse sentido, uma parte ( $n = 5$ ) beneficiava de Medidas de Suporte à Aprendizagem e Inclusão (MSAI), que incluíam o apoio psicopedagógico e adaptações curriculares.

De uma forma geral, todos os alunos apresentam registos de assiduidade e pontualidade muito satisfatórios.

### 3.5 A Escolha das Lendas

No âmbito da PES, estava previsto o trabalho do conteúdo “A Lenda” com base na narrativa proposta pelo manual adotado. No entanto, com o objetivo de aprofundar as questões levantadas por este estudo, encontramos espaço para explorar duas lendas açorianas, através de uma abordagem didática diferente da apresentada no manual.

Para o desenho da intervenção foram escolhidas duas lendas que ilustram a relação entre o imaginário açoriano e os fenómenos geológicos: a lenda da **Lagoa do Negro**, situada na ilha Terceira, e a das **Caldeiras Encantadas**, que se inscrevem na paisagem vulcânica do Planalto Central da ilha das Flores. Ambas as narrativas ilustram não só a dimensão geofísica dos espaços onde se inserem, mas também as dinâmicas socioculturais que se entrelaçam com o ambiente insular.

De acordo com o desenho didático estipulado no manual do aluno e de modo a cumprir o estipulado na planificação anual da Escola, foi estudada a lenda **De Pé de Moura a Moura Morta**.

Finalmente, com o intuito de verificar a consolidação dos conhecimentos sobre as atividades lecionadas, os alunos participaram de uma Visita de Estudo em que fizeram um trilho de interpretação do ambiente, na zona Norte da Ilha que terminava, precisamente, no sítio da Lagoa do Negro.

#### **A Lenda da Lagoa do Negro e a Dualidade entre Natureza e Estratificação Social**

A Lagoa do Negro, localizada na freguesia dos Altares, no concelho de Angra do Heroísmo, integra uma paisagem profundamente marcada pela atividade vulcânica. Situada numa área de escoamento de lava do vulcão que originou a Serra de Santa Bárbara, a lagoa está rodeada por um denso bosque de criptomérias e tem como pano de fundo a imponência do Pico Gaspar. O substrato geológico da região, composto por tubos de lava como os da Gruta do Natal, atesta a violência eruptiva que moldou este território, sendo que a própria lagoa pode estar associada a antigos processos de formação hidrogeológica (Parques Naturais dos Açores, n.d.).

Para além da explicação sobre a formação de uma lagoa, a lenda que lhe dá nome associa-se a uma narrativa de amor impossível entre indivíduos de classes sociais distintas, um tema recorrente na tradição oral açoriana. A imposição de barreiras sociais e a fatalidade do destino são traços que atravessam esta lenda, reforçando a ideia de

que o espaço insular, embora fisicamente delimitado pelo oceano, é também uma metáfora para as limitações impostas pelas convenções sociais da época.

### ***As Caldeiras Encantadas e o Conflito entre Desejo de Partida e Raízes Insulares***

As Caldeiras Encantadas, localizadas no Planalto Central da ilha das Flores, compreendem duas depressões vulcânicas – a Caldeira Funda e a Caldeira Rasa –, formadas por erupções hidromagmáticas. A diferença de cotas e profundidades entre ambas, bem como a existência de cursos de água que ali convergem, sugere um sistema hidrográfico interligado que evidencia a complexidade da dinâmica geológica da região (Parques Naturais dos Açores, n.d.).

A lenda associada a estas caldeiras explora um dos dilemas que mais caracterizam a identidade açoriana: a tensão entre o desejo de evasão e a inescapável ligação ao espaço insular. Neste sentido, a narrativa remete para o sentimento de confinamento e simultaneamente para a necessidade de fuga, refletindo a dicotomia que Vitorino Nemésio (1956) introduziu no conceito de açorianidade. Além disso, a lenda das Caldeiras Encantadas sublinha também o peso da responsabilidade do protagonista no cuidado da sua mãe, um aspeto que reforça a dimensão humana e social da narrativa. O enredo insere-se, assim, numa tradição oral que não apenas ilustra a relação entre os açorianos e o seu território, mas também enfatiza os valores comunitários e familiares que estruturam o imaginário insular.

### ***De Pé de Moura a Moura Morta***

De modo complementar, foi ainda estudada a lenda “De Pé de Moura a Moura Morta”, do manual dos alunos *Palavras em Linha* (Lopes & Aparício, 2023). Esta narrativa está associada ao imaginário mourisco, presente em diversas lendas do património oral português. A lenda “De Pé de Moura a Moura Morta” trata da fuga trágica de uma princesa moura e do seu amado, perseguidos pelos cristãos durante as guerras entre mouros e cristãos. A história explica a origem dos topónimos Pé de Moura, Lomba, Pedorido e Moura Morta, associando-os aos eventos que marcaram a fuga e o destino trágico da jovem moura.

### **3.6 Descrição das Atividades Realizadas**

#### **3.6.1 Lendas *A Lagoa do Negro* e *De Pé de Moura a Moura Morta***

Ao longo de dois tempos letivos desenvolveram-se duas atividades em torno da “Lenda da Lagoa do Negro”. Primeiramente, realizou-se uma atividade de visualização de uma imagem da Lagoa do Negro (Anexo 1) – este exercício tinha como objetivo auscultar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o espaço físico, bem como estimular a capacidade de observação e descrição da imagem. Para esse efeito, a Professora Estagiária (PE) iniciou um diálogo com os alunos sobre a Lagoa do Negro, com o intuito de incentivar a partilha de conhecimentos. Este diálogo foi orientado por um conjunto de questões abertas tais como: “Alguém conhece esta lagoa?”, “Sabem a que freguesia pertence?”, “Sabem como se formou esta lagoa?”, “O cenário da lagoa parece-vos um cenário místico?” e “Porque se chama Lagoa do Negro?”. Num momento posterior, procedeu-se à audição de um ficheiro áudio com a Lenda da Lagoa do Negro (Apêndice 1), que procurou apoiar a compreensão auditiva e a interpretação oral dos alunos. Seguindo-se a mesma linha de intervenção, centrada na construção de conhecimento colaborativa, a PE orientou um debate com perguntas indutoras, designadamente: “De que fala esta história?”, “Quem são as personagens da história?”, “Onde aconteceu esta história?”, “Há quanto tempo terá acontecido?”, “Que tipo de texto é este e porquê?”, “O que nos quer ensinar esta história?”, “Qual a lição de moral que retiram desta história?” e “Já ouviram histórias parecidas com esta?”. Estas perguntas pretendiam facilitar a compreensão do texto e promover a análise crítica dos elementos narrativos, tais como as personagens, tempo, espaço e lições morais presentes na lenda. Para melhor identificar estes constituintes textuais, procedeu-se à distribuição desse texto em suporte físico (Apêndice 2).

Posto isto, procedeu-se, em conjunto, à construção de uma definição de lenda enquanto género textual, pretendendo-se, assim, agregar as principais características deste tipo de texto. Esta definição foi registada pela PE no quadro branco e transcrita pelos alunos para o seu caderno diário.

Dando continuidade à aula, procedeu-se à exploração, a pares, da lenda "De Pé de Moura a Moura Morta" (Apêndice 3), presente no manual escolar adotado pela Escola onde fizemos a nossa intervenção e à exploração dos exercícios da página 93 do manual sobre esse texto (Anexo 2).

Inicialmente, a PE realizou a leitura da lenda, de modo a garantir uma primeira abordagem ao texto e a permitir que os alunos se familiarizassem com a sua estrutura e conteúdo. Em seguida, cada par de alunos analisou a narrativa, no que concerne à identificação dos seus elementos fundamentais. Após esta fase, os alunos responderam a um conjunto de questões de compreensão textual, concebidas para aprofundar a interpretação da lenda e para desenvolver competências de leitura crítica. Posteriormente, os alunos apresentaram e discutiram as suas respostas, fomentando a partilha de perspetivas e promovendo um ambiente de construção coletiva do conhecimento.

No âmbito da exploração do texto, procedeu-se aos seguintes exercícios:

- Reconhecimento dos elementos estruturais da narrativa
- Identificação e transcrição correta de excertos
- Interpretação do sentido de passagens do texto
- Relação entre o espaço e o tempo da ação
- Análise dos elementos culturais e históricos presentes na narrativa
- Ampliação do conhecimento dos alunos relativamente a factos históricos
- Diferenciação entre realidade e ficção

A sessão terminou com um momento de discussão coletiva, em que os alunos apresentaram as suas respostas às questões propostas.

### **3.6.2 Lenda *As Caldeiras Encantadas* e Inquérito o por Questionário**

No terceiro tempo letivo, e dando continuidade à unidade didática, a PE introduziu um novo conteúdo visual relativo à Ilha das Fores, que constitui o cenário que envolve a lenda das "Caldeiras Encantadas". Seguiu-se a mesma linha de intervenção, apoiada pela auscultação e questionamento orientado, previamente descritos, acompanhados da projeção de uma imagem das Lagoas Funda e Rasa, na Iha das Flores

(Anexo 3). Num momento posterior, foi discutido o fenómeno de formação das caldeiras, procedendo-se ao conto do início desta lenda pela PE. Posteriormente, foi distribuída uma ficha de escrita criativa (Apêndice 4) na qual é transcrita a parte inicial desta história, com o objetivo de os alunos criarem um fim alternativo. A PE assegurou a compreensão da tarefa por todos os alunos, que se envolveram na atividade durante quinze minutos. A conclusão da atividade foi assinalada com o convite à leitura e partilha das lendas produzidas pelos discentes e com a comparação com uma versão desta lenda, que foi distribuída à turma (Apêndice 5). O inquérito por questionário (Apêndice 9) é constituído por uma secção genérica que integra alguns dados sociodemográficos, especificamente no que concerne a caracterização do agregado familiar, as profissões dos pais, além de contemplar um indicador geral ao nível do aproveitamento escolar do aluno. Apresenta três secções, uma primeira composta por itens dirigidos à avaliação do interesse, compreensão e eficácia das Lendas ao nível da transmissão dos aspetos culturais locais. A segunda secção aprofunda a avaliação da dimensão cultural, elencando itens que avaliam os conhecimentos de elementos paisagísticos, valores comunitários e uso da linguagem, entre outros. A maioria dos itens pede o posicionamento do aluno através de uma posição dicotómica (Sim versus Não), contudo em algumas questões procurou-se compreender o significado do posicionamento do aluno, oferecendo um pequeno espaço em branco para que o participante pudesse explicar as suas motivações perante a resposta (isto é, resposta aberta). Por fim, o questionário recolhe, a partir de duas questões abertas, informações sobre a importância da inclusão das lendas Açorianas nos manuais.

### **3.6.3 Visita de Estudo: Trilho de Interpretação Ambiental e Cultural Lagoa do Negro**

No final do ano, em parceria com um Engenheiro do Ambiente da Divisão de Cidadania e Educação Ambiental da Secretaria Regional do Ambiente e Ação Climática do Governo dos Açores, organizou-se uma saída de estudo com o objetivo de interpretar a paisagem e analisar os mais recentes fenómenos de vulcanismo na Ilha. Para esse efeito, os alunos juntamente com a PE e o professor titular, saíram da Escola às 9:30H em direção à Central Geotérmica do Pico Alto. Seguiu-se uma caminhada que atravessou o trilho do *Mistério Novo* e subiu depois a estrada regional dos Biscoitos até ao sítio da Lagoa do Negro, uma área de grande relevância geológica e paisagística, situada na ilha Terceira, nos Açores.

A atividade teve como principais objetivos didáticos a exploração e interpretação da paisagem do Parque Natural da ilha Terceira, promovendo o desenvolvimento da capacidade de observação e análise do ambiente natural. Paralelamente, visou aprofundar a compreensão dos fenómenos de vulcanismo recentes, através da identificação e da análise das características geológicas locais bem como da sua relação com o património natural dos Açores. Para além destes objetivos, a visita integrou uma vertente didática diretamente associada ao estudo do género textual *Lenda* ao longo do ano letivo.

Consequentemente, pretendia-se que os alunos pudessem verificar e reconhecer a influência da paisagem e dos elementos naturais na construção das lendas e do património cultural local.



**Imagem 1. Interpretação de fenómenos naturais a caminho da Lagoa do Negro**



*Imagem 2. Alunos à chegada à Lagoa do Negro*

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### **4.1 A Lagoa do Negro: Observação Participante**

A observação participante permite ao investigador apreender, compreender e intervir nos diferentes contextos em que se insere (Mónico et al., 2017), tornando-se um conhecedor mais aprofundado da realidade que observa (Fonseca, 2012). No decorrer da atividade letiva analisada, constatou-se um maior envolvimento dos alunos em comparação com outras atividades da disciplina. Embora a motivação e o empenho dos estudantes nas suas tarefas de aprendizagem possam estar condicionados por um conjunto diversificado de fatores, muitos dos quais alheios ao controlo do investigador, estes são também influenciados pela qualidade dos recursos didáticos e pela abordagem pedagógica adotada pelo professor.

Neste sentido, a orientação didática deve centrar-se nos interesses dos alunos, favorecendo a mediação pedagógica e o questionamento guiado como estratégias fundamentais para a construção do conhecimento (Vygotsky, 1978). Paralelamente, Piaget (1952) defende que o desenvolvimento cognitivo resulta da interação ativa do sujeito com o meio, sendo essencial proporcionar estímulos que favoreçam a assimilação e a acomodação de novas informações. Por sua vez, Kegan (1982) complementa esta perspetiva ao salientar que a aprendizagem implica uma reconstrução contínua de significados, exigindo desafios que promovam a reorganização do pensamento.

Inicialmente, a projeção da imagem da Lagoa do Negro despertou de imediato a atenção dos alunos, que reconheceram o local e manifestaram essa identificação através de comentários espontâneos como "Já vi essa lagoa!", "É a Lagoa do Negro!" e "Já fiz um passeio até essa lagoa com a minha família". Uma aluna partilhou com a turma que conhecia uma lenda sobre este sítio, que tinha sido transmitida pela sua avó, o que enriqueceu o repertório narrativo e evidenciou a importância da tradição oral na transmissão do conhecimento.

Houve uma maior participação da turma na discussão das questões apresentadas durante a auscultação prévia dos conhecimentos dos alunos. A Lagoa do Negro é um local amplamente conhecido na Ilha Terceira e figura como uma imagem de

marca nos roteiros turísticos da região, o que explica a familiaridade e receptividade demonstradas pelos alunos.

Após esta introdução, a lenda foi apresentada por meio da narração por parte de um informante, seguida de uma discussão sobre a história. De forma geral, ao serem questionados sobre o gênero literário, a maioria dos alunos classificou o texto como uma lenda e reconheceu o seu propósito de explicar o fenômeno de formação da lagoa. No que diz respeito à compreensão, a turma identificou o negro como a figura central da narrativa, que aborda um amor proibido entre uma fidalga e um escravo.

A maioria dos alunos reconheceu os elementos fantásticos da história. No entanto, em determinado momento, um discente questionou se realmente seria possível ouvir o choro do negro nos dias de nevoeiro. Enquanto alguns rejeitavam essa ideia, outros demonstravam incerteza, o que gerou um debate sobre os limites entre realidade e ficção.

A observação revelou que, embora os alunos reconhecessem o caráter fantástico da narrativa, persistia a incerteza quanto à veracidade de determinados elementos da história. Esse questionamento constitui uma característica central da lenda enquanto gênero textual, na medida em que assenta na ambiguidade entre o real e o imaginário, na manutenção do suspense e na sugestão de um possível fundo de verdade na narrativa. Neste sentido, Cidraes (2014) destaca a dualidade da lenda como um traço distintivo do gênero, sublinhando que a coexistência de elementos fantásticos ou sobrenaturais com referências geográficas e históricas concretas contribui para a construção de um efeito de verosimilhança. Esse equilíbrio conduz à reflexão sobre os limites entre ficção e realidade, garantindo a permanência da lenda na memória coletiva e permitindo múltiplas interpretações.

Assim, a formulação de dúvidas sobre a autenticidade da história não só evidencia o envolvimento dos alunos com a narrativa, como também comprova a eficácia do gênero na criação de suspense e na promoção da reflexão crítica e da interpretação textual.

No caso específico da “Lenda da Lagoa do Negro”, essa característica manifesta-se na crença de que ainda é possível ouvir o negro a chorar nos dias de intenso nevoeiro, reforçando a percepção da narrativa como verosímil para os ouvintes. Esse efeito de autenticidade e mistério reflete-se igualmente nas produções dos alunos. Um deles, ao

concluir a lenda que criou, acrescenta espontaneamente: "jurou que ouviu um parabéns da sua mãe", o que destaca a influência do imaginário do género na construção de novas narrativas.

#### **4.2 De Pé de Moura a Moura Morta: Observação Participante**

A observação participante no estudo da lenda "*De Pé de Moura a Moura Morta*" evidenciou um envolvimento significativo dos alunos no processo de leitura e escuta ativa, que reflete o impacto da oralidade na apreensão da literatura tradicional. No entanto, verificou-se uma menor motivação relativamente à lenda anteriormente estudada, associada aos Açores, o que sugere a influência do contexto geográfico e cultural na receção do conteúdo.

Embora os alunos não tenham manifestado dificuldades na resposta às questões dos exercícios do manual, nas atividades iniciais destinadas a situar a sua relação com o tema, constatou-se que não possuíam conhecimento prévio sobre esta lenda. Mesmo após a sua audição, não estabeleceram inferências significativas a partir do que ouviram, revelando dificuldades em construir um diálogo inferencial com o conteúdo narrado. Este resultado sugere que a oralidade, enquanto meio facilitador da receção do texto literário, exige familiaridade com os seus códigos narrativos para que ocorra uma assimilação efetiva dos conteúdos. A distância geográfica e a ausência de um vínculo empírico e afetivo com os espaços mencionados na narrativa poderão, assim, comprometer a construção de relações inferenciais, dificultando uma apropriação mais profunda do significado do texto.

Deste modo, o estudo reforça a necessidade da contextualização cultural na abordagem da literatura oral, sublinhando a importância de estratégias didáticas que favoreçam a mediação desses códigos narrativos, na promoção de uma aprendizagem mais significativa e uma interação mais aprofundada com o património imaterial.

#### **4.3 As Caldeiras Encantadas: Observação Participante**

Na exploração da segunda lenda, "*As Lagoas Encantadas*", constatou-se que a maioria dos alunos desconhecia tanto o local referido na narrativa (Ilha das Flores) quanto a própria história. No entanto, reconheceram a paisagem como pertencente ao

arquipélago dos Açores, e alguns discentes estabeleceram relações entre a formação das caldeiras e fenómenos vulcânicos, evidenciando conhecimentos prévios sobre a geografia natural da região.

Num primeiro momento, procedeu-se a uma observação orientada da imagem, seguida da proposta de escrita criativa. Os alunos receberam instruções para elaborar uma narrativa a partir da imagem apresentada, com o apoio de um parágrafo introdutório. Esse exercício visava estimular a imaginação e a expressão escrita, incentivando cada aluno a mobilizar os seus recursos linguísticos e criativos de forma autónoma.

Após a produção dos textos, foi distribuída aos alunos uma versão da lenda “*As Lagoas Encantadas*”, permitindo-lhes comparar a história original com as suas próprias construções narrativas. Por fim, alguns discentes foram convidados a partilhar os seus textos com o grupo, promovendo-se a reflexão e o diálogo sobre as diferentes abordagens à mesma temática.

#### **4.4 *As Caldeiras Encantadas*: Análise Das Produções Escritas dos Alunos**

A análise dos textos escritos produzidos pelos alunos, que implicavam a continuação da lenda “*As Caldeiras Encantadas*” revela competências narrativas diversificadas, evidenciando diferentes níveis de domínio na integração do contexto cultural e geográfico, desenvolvimento da personagem principal e suas peripécias, resolução narrativa e utilização de elementos fantásticos ou sobrenaturais. A análise foi feita com *Grelha de Observação e Avaliação da Produção Escrita – Lenda* anteriormente mencionada.

#### **Contexto Cultural e Geográfico**

Embora alguns textos mencionem elementos naturais e locais, como as “*Caldeiras Encantadas*” (*Mas passado algum tempo o rapaz conseguiu dar um mergulho nas caldeiras encantadas* – Aluno A) e a referência ao mar (*Os marinheiros contam que o monstro era gigante e que quase destruiu todo o navio* – Sujeito F), a presença de elementos culturais açorianos revelou-se pouco expressiva. Apenas um número reduzido de alunos integrou referências culturais marcantes, enquanto a maioria optou por uma descrição superficial do espaço físico. Verificou-se, contudo, a presença

recorrente de paisagens e espaços naturais, o que se enquadra nas convenções do género lenda, caracterizado pela simplicidade e pelo simbolismo, e não pela descrição minuciosa própria do conto literário.

Em alguns casos, os alunos fizeram uso do cenário de forma ativa, como o Sujeito F (*Durante a viagem encontra locais incríveis tal iguais como nas histórias dos marinheiros*), enquanto outros fizeram uma menção ao espaço breve e pouco explorada, como no texto do Aluno J (*avistou uma caldeira encantada mas infelizmente a mãe do rapaz adoeceu*).

### **Desenvolvimento da Personagem Principal**

A maioria dos textos apresenta uma personagem principal com um papel central claramente definido, com traços simples e delimitados, em conformidade com as convenções do género lenda. Em alguns casos, observa-se uma ligeira evolução do protagonista; contudo, na generalidade das produções, a personagem assume um papel funcional, limitando-se à execução de ações que estruturam o enredo. Esta abordagem é coerente com o género, no qual nem as personagens nem a narrativa exigem grande aprofundamento, privilegiando-se antes a simplicidade, o simbolismo e a função exemplar do relato. Nos textos mais bem estruturados, a trajetória emocional da personagem é evidente. O Aluno B, por exemplo, explora o impacto da morte da mãe na vida do protagonista: *"O rapaz que já era mais velho ficou muito abalado e sentiu que precisava de uma distração saudável, então decidiu que iria partir da ilha sozinho."* Esta passagem ilustra como a personagem enfrenta um conflito interno e evolui ao longo da história. Por outro lado, no texto do Aluno G, a personagem principal revela pouca complexidade: *"O menino foi pensando se a sua mãe estava bem, passou uma hora e ele chegou de volta a sua casa e se sentiu aliviado."* Neste caso, não há uma transformação clara da personagem, o que confere alguma simplicidade ao enredo.

### **Conflito e Resolução da Narrativa**

No que se refere ao conflito e à sua resolução, verifica-se uma variação notável entre os textos. Em alguns casos, o conflito é bem estruturado e resolvido de forma lógica, enquanto noutros a resolução surge de maneira forçada ou pouco desenvolvida.

Nos textos mais elaborados, o conflito conduz a um desfecho significativo. No caso do Sujeito F, a personagem enfrenta uma série de desafios: *"Até que parecendo por magia a chave que o guarda que estava a dormir caiu e o jovem apanhou soltando-se e fugindo."* Aqui, a resolução do conflito surge como um momento de tensão narrativa. Em contraste, outros textos apresentam desfechos abruptos, como no Aluno C: *"Mas noutra dia teve um furacão e eles estavam lá em baixo e a casa caiu e eles morreram lá então chamam-se caldeiras encantadas."* Neste caso, a resolução é repentina e não explora de forma aprofundada as consequências do conflito.

Além disso, o título da narrativa nem sempre foi incorporado pelos alunos de forma clara. Alguns textos mantiveram uma relação indireta entre a lenda e o desenvolvimento da história, o que comprometeu a coerência global da produção.

### **Elementos Fantásticos ou Sobrenaturais**

A presença de elementos mágicos foi um dos aspetos mais irregulares verificados nos textos. Enquanto alguns alunos incorporaram elementos fantásticos para dar profundidade ao enredo, outros omitiram completamente esse aspeto.

No texto do Aluno D, a descoberta do mapa misterioso é um exemplo do uso de um elemento mágico na narrativa: *"Tiago viu a pedra de perto e viu um mapa com o seguinte título 'Caldeiras Encantadas'."* Neste caso, o fantástico contribui para a progressão do enredo. Por outro lado, em textos como o do Aluno H, o elemento mágico aparece apenas como um detalhe sem grande impacto na narrativa: *"Os dois apaixonaram-se ao pé de uma linda caldeira que havia lá, por isso, chamaram a essa, a caldeira encantada."* Aqui, o fantástico não desempenha um papel ativo na construção da história.

### **Criatividade e Fluidez Narrativa**

Também a criatividade apresentou uma considerável variação nos textos dos alunos. Alguns demonstraram uma abordagem inovadora, com múltiplas peripécias e uma estrutura narrativa flexível, enquanto outros mantiveram uma progressão linear previsível.

No texto do Aluno B, a exploração do sofrimento do protagonista e a sua decisão de partir são elementos que enriquecem a história: *"Ele quase naufragou imensas vezes e teve de pescar pois a comida que levou não foi a suficiente."* Já o Sujeito K apresenta um enredo descontextualizado, que dificulta a compreensão da narrativa: *"Eu sou uma fada ó isso é mentira... - hahaha o marinheiro é muito atrapalhado com o que diz o rapaz."* A falta de coerência no diálogo compromete a fluidez do texto.

Os textos mais desenvolvidos também utilizam um uso mais elaborado da linguagem, com descrições mais detalhadas e vocabulário diversificado. Por outro lado, em algumas produções, a repetição excessiva de expressões e a falta de conectores dificultaram a progressão da narrativa.

### **Produção Escrita e Coesão Textual**

A coesão textual variou consideravelmente entre os textos. Alguns alunos mostraram um bom domínio da organização narrativa, com recurso a conectores adequados para estruturar os acontecimentos e manter a coerência temporal e espacial. No entanto, outros apresentaram dificuldades na articulação dos eventos.

No texto do Aluno I, por exemplo, a falta de conectores enfraquece a progressão da história: *"O jovem ouvia muito essa história e ele ficava impressionado com essa história e ele decidiu ir fazer a aventura para ver as caldeiras encantadas para saber o que era caldeiras."* A repetição de termos e a estrutura pouco variada comprometem a fluidez do texto.

No geral, os textos produzidos pelos alunos revelam um desempenho globalmente positivo no que concerne à capacidade de dar continuidade à lenda - com variações significativas na profundidade do desenvolvimento narrativo, na integração de elementos culturais, na construção do conflito e sua resolução.

Consequentemente, verificou-se que os alunos tiveram facilidade em estruturar uma narrativa coerente, apesar das limitações próprias da idade e do nível de desenvolvimento da produção textual. A familiaridade com os elementos naturais, culturais e geográficos do tema permitiu-lhes continuar a história sem grandes dificuldades, embora tenham surgido desafios no aprofundamento do enredo e na exploração dos elementos fantásticos. No entanto, a profundidade da construção textual variou de forma significativa. Os textos mais completos equilibraram a coerência narrativa, desenvolvimento do conflito e integração de elementos fantásticos, enquanto os menos desenvolvidos evidenciam alguma dificuldade na caracterização dos personagens, na resolução do enredo e na fluidez textual.

Além disso, verificou-se que a ausência de referências culturais mais expressivas à tradição açoriana sugere que poderá ser pertinente um trabalho mais aprofundado neste domínio. O reforço da mediação didática na exploração das lendas pode ajudar os alunos a enriquecerem a sua escrita e a aprofundarem a relação entre cultura, identidade e consequentemente, a produção textual.

#### **4.5 Visita de Estudo: Observação Participante**

A visita de estudo realizou-se no final do ano letivo, num momento em que os alunos já haviam concluído todas as avaliações. Este contexto poderá ter contribuído para que a participação na atividade não fosse condicionada por fatores de ordem avaliativa, permitindo interações mais espontâneas e inferências mais genuínas. Neste sentido, concluímos que as respostas dos alunos foram mais autênticas e que refletiram o seu nível efetivo de envolvimento com os conteúdos trabalhados sobre o tema *A Lenda*.

Desde o início da saída de estudo que os alunos manifestaram um envolvimento constante, o que sugere que a dimensão prática da atividade terá sido um fator determinante para a sua participação ativa.

A chegada à Lagoa do Negro constituiu um momento particularmente expressivo. O impacto visual do local parece ter funcionado como um estímulo para a ativação dos conhecimentos prévios, uma vez que a maioria dos alunos associou imediatamente o espaço à lenda trabalhada em sala de aula. Pese embora a aula sobre

A *Lenda* ter sido lecionada num período consideravelmente anterior à visita de estudo, a prontidão com que os alunos recuperaram e aplicaram os conhecimentos adquiridos, estabelecendo espontaneamente relações com o espaço observado, sugere um processo de aprendizagem significativa. Além disso, indica que a abordagem adotada foi eficaz na construção de um referencial cognitivo sólido, permitindo aos alunos mobilizá-lo de forma autónoma em contexto real.

A resposta dos alunos ao guia reforça esta ideia, na medida em que a maioria referiu conhecer uma lenda associada ao local. De modo complementar, a partilha de uma versão diferente da narrativa por parte de uma aluna, que a havia ouvido da sua avó, constitui um aspeto relevante do ponto de vista pedagógico e sociocultural. Este episódio sugere que a tradição oral continua a desempenhar um papel na transmissão do património imaterial e que a interligação entre o contexto escolar e o conhecimento familiar pode contribuir para um processo de aprendizagem mais significativo. Do mesmo modo, a partilha feita pelo guia destacou a natureza dinâmica e interpretativa das lendas, da sua variabilidade no seio da tradição oral e a da sua capacidade de adaptação ao longo das gerações.

Por fim, a interação entre alunos, guia e PE sugere, ainda, que as estratégias pedagógicas baseadas na oralidade e na partilha intergeracional podem constituir instrumentos eficazes para a valorização e preservação do património imaterial.

#### **4.6 Avaliação dos Itens do Inquérito**

##### **Questão 1. “Achaste interessante o estudo das lendas açorianas?”**

Todos os alunos (N= 17) responderam de forma afirmativa a esta questão. Pese embora a homogeneidade desta resposta, os participantes evidenciaram algumas diferenças ao nível das suas explicações. Na redação da resposta que incidia na elucidação do “Porquê?” os discentes apontaram a expansão do conhecimento (n= 5; “porque ajuda-me a conhecer melhor”, “deram-me a conhecer mais lugares”, “conheci melhor os Açores”, “porque descobrimos lendas sobre os açores”, “fiquei a conhecer mais lendas”). O tema da verdade versus mentira é também destacado por três alunos, isto é, a constatação de que a história não é (totalmente) verosímil: “nem tudo é verdade”; “podem não ser verdade, mas estão enraizadas”, “uma parte é verdadeira e a

outra falsa, que está por descobrir”. Um aluno destacou os aspetos inerentes à aprendizagem da lenda enquanto género literário, especificamente, refere a importância de conhecer os significados das palavras que aparecem na história e a aquisição de uma nova competência ao nível da escrita: “porque eu acho que nos ajuda a perceber as palavras e fomos ensinados em como fazer uma lenda”. Um participante refere, ainda, o convite ao pensamento “pôs-me a pensar”. Dois alunos mencionam o aspeto lúdico das atividades desenvolvidas em torno da lenda. Por fim, os restantes alunos apresentam respostas redundantes, isto é, não aprofundam o motivo subjacente ao interesse: “porque achei interessante”.

**Questão 2. “Consideras que as lendas abordadas te ajudaram a compreender melhor a região onde vives?”**

A maioria dos alunos (n= 15) posiciona-se de forma afirmativa, considera, portanto, que o trabalho desenvolvido em torno das lendas contribuiu para o aumento da compreensão ao nível da região. O gráfico em baixo (Gráfico 2) ajuda a ilustrar precisamente este resultado.

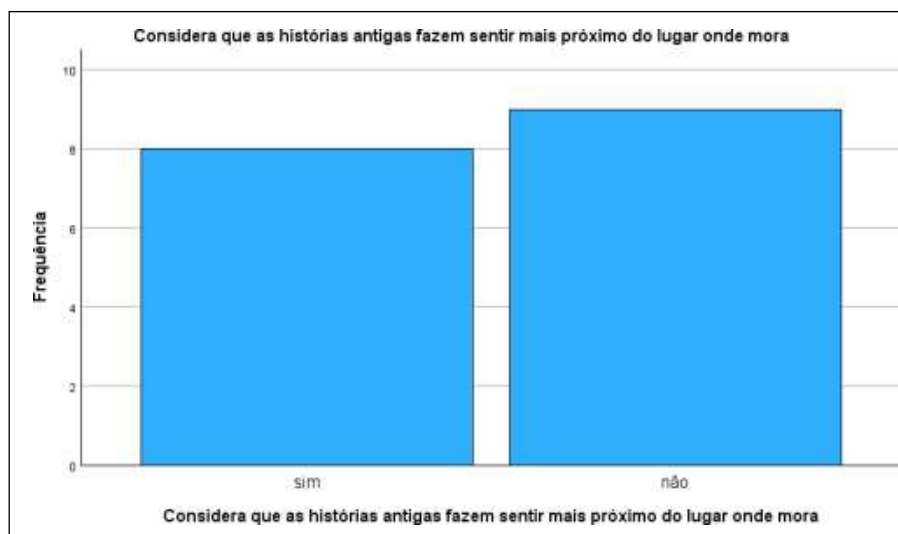
**Gráfico 2. Perceção dos Alunos sobre o Papel das Lendas na Compreensão Local**



**Questão 3. “As histórias antigas da nossa região fazem-te sentir mais próximo(a) do lugar onde vives?”**

No que concerne à avaliação da proximidade, constata-se uma divisão ao nível da perceção dos alunos. Assim, a maioria considera que as atividades desenvolvidas em torno das lendas não contribuíram para uma maior proximidade junto do lugar no qual habitam (n= 9). Contudo, os restantes alunos posicionam-se de forma oposta, assinalando concordar com o item.

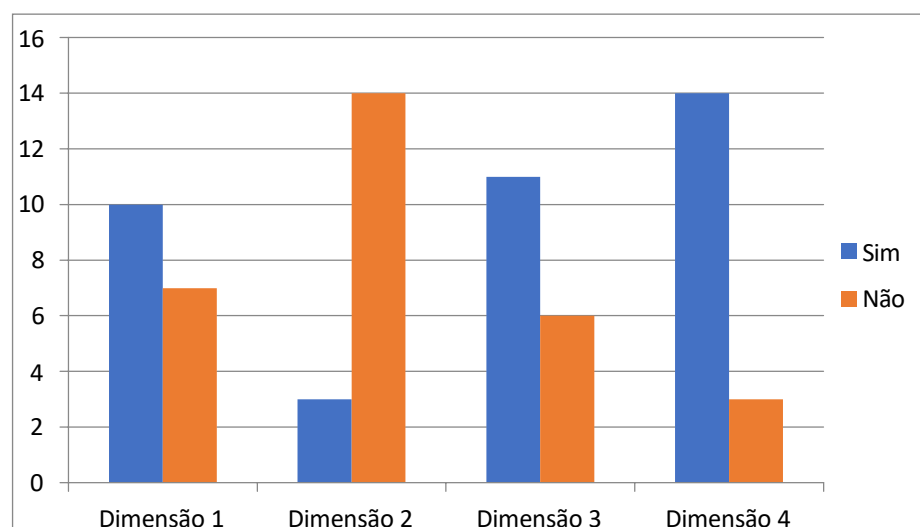
**Gráfico 3. Relação Lendas e a Proximidade com o Lugar de Residência**



**Questão 4. “Tradições, valores e lições aprendidas sobre os Açores através das lendas.”**

O item em análise elenca quatro domínios que integram as possibilidades de aprendizagem através das lendas, nomeadamente (1) a importância do respeito pela natureza e pelo meio ambiente, (2) o valor da comunidade e do trabalho em equipa, (3) histórias sobre coragem, honra e justiça, (4) lições sobre a história e as origens dos Açores.

**Gráfico 4. Distribuição de Respostas por Dimensão de Análise**

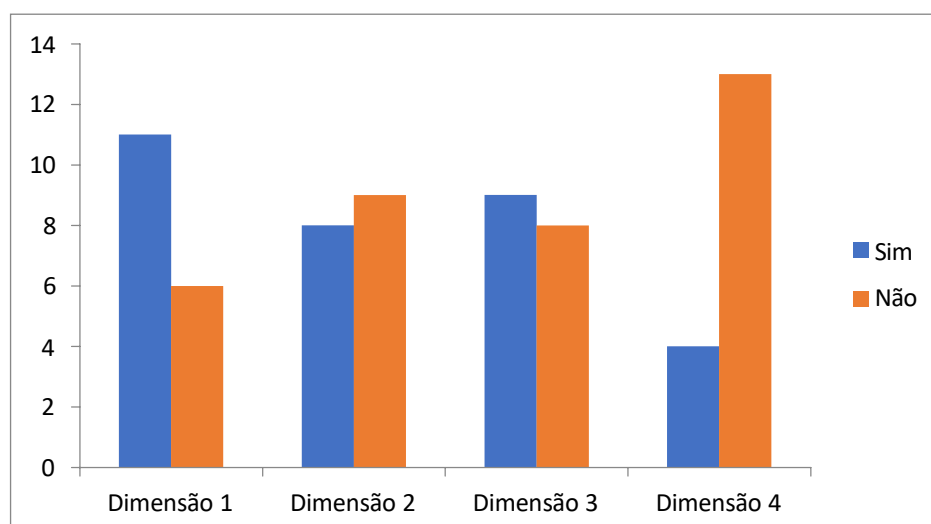


Do ponto de vista das aprendizagens realizadas, os alunos destacam a componente histórica com incidência nas origens dos Açores (dimensão 4), seguindo-se as lições sobre coragem, honra e justiça (dimensão 3) e o respeito pela natureza e pelo meio ambiente (dimensão 1). A dimensão relativa ao valor da comunidade e do trabalho em equipa destaca-se, na sua expressiva maioria, pela negativa, ou seja, parece-nos que os alunos não consideram que o trabalho realizado ao nível das lendas tenha o potencial de transmitir valores comunitários e inerentes ao trabalho em equipa.

#### **Questão 5. “Identificação dos elementos culturais e geográficos presentes nas lendas”**

Ao nível da seleção dos elementos culturais e geográficos foram destacadas quatro dimensões que integram (1) as paisagens naturais, (2) tradições culturais específicas dos Açores, (3) personagens ou criaturas mitológicas que traduzem fenómenos naturais dos Açores e (4) uso de linguagem ou expressões típicas dos Açores. De um modo geral, a dimensão que reúne maior concordância tem que ver com a paisagem natural característica da região, seguindo-se a identificação de personagens e suas influências para a explicação dos elementos geográficos específicos dos Açores. A grande maioria dos alunos (n= 13) menciona que não identifica o uso de linguagem ou expressões típicas dos Açores.

**Gráfico 5. Distribuição das respostas sobre a identificação dos elementos culturais e geográficos presentes nas lendas**

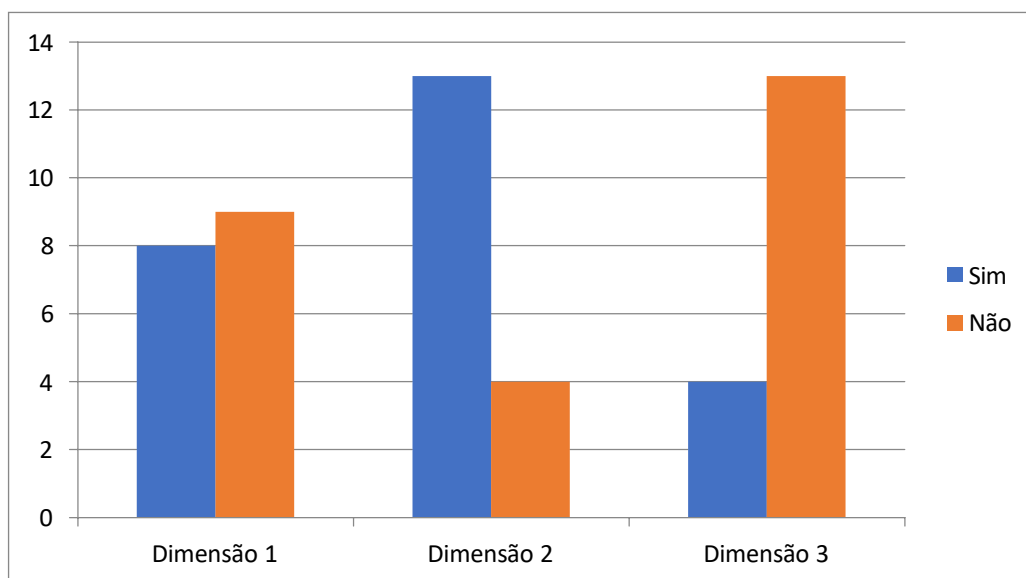


**Questão 6. “Melhor compreensão do património cultural açoriano”**

Por fim, a auscultação das aprendizagens percebidas pelos alunos dirigiu-se para a compreensão do património cultural, ou seja, foram distinguidos três diferentes domínios, que refletem o conhecimento e o respeito pela história e tradições locais (domínio 1), ligação afetiva e cultural com as gerações anteriores (domínio 2), inspiração do orgulho na singularidade e na riqueza cultural dos Açores (domínio 3).

A dimensão do conhecimento e respeito pela história e tradições apresenta os maiores níveis de expressão, pois a maioria dos discentes reconhecem esta aprendizagem (n= 14), seguindo-se, também de forma significativa, a avaliação da ligação afetiva e cultural (n= 13). No que concerne à singularidade e riqueza cultural dos Açores, foram em menor número os alunos que destacam este aspeto (n= 4).

**Gráfico 6. Distribuição das respostas sobre a compreensão do património cultural açoriano**



#### **4.7 Discussão**

A presente investigação permitiu confirmar que a aprendizagem se torna mais significativa e enriquecedora quando sustentada em metodologias que valorizam a participação ativa dos alunos e a proximidade com o seu contexto sociocultural. No âmbito do ensino do Português, verificou-se que a abordagem didática centrada nas lendas locais, nomeadamente as lendas açorianas, teve um impacto positivo na motivação dos discentes e na sua apropriação dos conteúdos narrativos. Estes resultados corroboram as conceções de Vygotsky (1978), que define a aprendizagem como um processo mediado socialmente, e encontram suporte nos estudos de Zumthor (1993) e Solé (2014), que sublinham o papel da literatura oral na construção da identidade cultural e no fortalecimento da relação dos alunos com o seu património imaterial.

Ao estabelecer um paralelo entre a exploração de lendas regionais e a introdução de narrativas naturais de Portugal continental, como a lenda "De Pé de Moura a Moura Morta", constatou-se que os alunos demonstraram um maior envolvimento com as histórias que pertencem ao seu contexto cultural. Tal evidência reforça a ideia de que a proximidade geográfica e cultural das narrativas facilita a construção de significado e promove uma identificação mais direta com os conteúdos trabalhados. Contudo, a análise detalhada dos resultados revelou discrepâncias que merecem reflexão e que apontam para áreas de melhoria no desenho didático desta abordagem.

#### **Análise Crítica dos Resultados**

Os diferentes recursos de análise utilizados – observação participante, análise das produções escritas e relatos dos alunos – apontam para o desempenho positivo da metodologia adotada. Os alunos revelaram um elevado grau de envolvimento nas atividades propostas, que se verificou não só pela expressividade das suas produções textuais, mas também pelo entusiasmo manifestado nas dinâmicas de grupo e na exploração das lendas. Além disso, os dados sugerem que a literatura oral contribuiu para o desenvolvimento das competências de leitura e de escrita, o que reforça a importância das narrativas tradicionais como instrumento pedagógico.

Não obstante, a análise quantitativa do inquérito aplicado aos alunos revelou algumas discrepâncias no que concerne à perceção do impacto desta abordagem. Um dos aspetos que suscita maior reflexão prende-se com a questão As histórias antigas da nossa região fazem-te sentir mais próximo(a) do lugar onde moras?, cujas respostas foram distribuídas de forma equilibrada entre afirmativas e negativas. Esta oscilação poderá estar relacionada com diversos fatores, nomeadamente a idade dos alunos (cerca de 10 anos), uma fase em que a construção da identidade comunitária dos mesmos ainda está em desenvolvimento, ou a falta de identificação com determinados elementos socioculturais presentes nas narrativas tradicionais. A ausência de um contacto prévio com as lendas e o facto de estas nem sempre estarem presentes no quotidiano dos alunos pode justificar este aparente distanciamento.

Este resultado poderá, ainda, levantar questões sobre a forma como a identidade comunitária é trabalhada no contexto educativo - se, por um lado, as lendas permitem uma ligação com o passado local e ajudam a preservar a memória coletiva, por outro, parece evidente que este vínculo não é construído de forma automática. Tal facto sugere a necessidade de associar a exploração da literatura oral a experiências que as complementem de forma integrada, como visitas a locais históricos mencionados nas lendas e atividades interativas que envolvam a comunidade escolar e familiar, o que poderá favorecer a apropriação identitária por parte dos alunos.

No que concerne às aprendizagens efetuadas, os alunos evidenciaram, predominantemente, a dimensão histórica das narrativas lendárias, salientando sobretudo as referentes à génese dos Açores. Destacaram igualmente os valores relacionados com coragem, honra e justiça, bem como o respeito pela natureza e pela preservação do ambiente. Estes resultados sugerem que os alunos reconhecem as lendas como veículos de transmissão de valores e de conhecimento histórico. Relativamente às lendas abordadas, os valores não eram apresentados de forma clara, nem havia grande destaque para essa dimensão. Em geral, os textos davam mais atenção às diferenças sociais entre as personagens. Um aspeto importante foi que a maioria dos alunos não identificou nas lendas qualquer incentivo ao trabalho em equipa ou ao sentido de comunidade. Paralelamente, este resultado pode refletir uma lacuna na abordagem pedagógica utilizada, uma vez que o potencial das narrativas para fomentar o espírito de comunidade pode não ter estado explícito nas lendas abordadas.

No que se refere à perceção do património cultural, os alunos valorizaram sobretudo o conhecimento e respeito pela história e tradições locais (n=14), seguido da ligação afetiva e cultural com as gerações anteriores (n=13). Em contrapartida, a dimensão relativa ao orgulho na singularidade e riqueza cultural dos Açores (n=4) registou um menor número de respostas. Este resultado sugere que, apesar de os alunos reconhecerem a importância das lendas na preservação da memória coletiva, tal reconhecimento não se traduz, necessariamente, num sentimento de valorização identitária ou de projeção da cultura açoriana como elemento distintivo. Esta observação reforça a necessidade de complementar o ensino das lendas com práticas pedagógicas que incentivem a reflexão sobre a identidade cultural e o papel da tradição na contemporaneidade.

#### **Lacunas Identificadas e Implicações para a Prática Pedagógica**

A discrepância entre os dados qualitativos e quantitativos destaca a importância de um planeamento didático que contemple diferentes perfis de aprendizagem e que promova um envolvimento mais efetivo dos alunos na exploração da literatura oral. Embora a abordagem tenha sido bem-sucedida na generalidade, os resultados indicam que o ensino das lendas poderia beneficiar de uma ligação mais estreita com a comunidade dos alunos. A ausência de uma articulação mais direcionada entre a escola e os contextos socioculturais dos discentes podem ter condicionado a forma como as lendas foram compreendidas e interpretadas.

Uma possível estratégia para colmatar esta lacuna poderá passar pela diversificação das metodologias, incorporando atividades que transcendam a leitura e a análise textual. A realização de projetos interdisciplinares, que associem a literatura oral a expressões artísticas, dramatizações e iniciativas de cariz comunitário, pode constituir uma abordagem eficaz para consolidar a relação dos alunos com o seu património imaterial. Além disso, a integração de testemunhos orais de membros mais velhos da comunidade pode, também, proporcionar uma abordagem mais dinâmica e interativa, aproximando os alunos das vivências e das tradições da sua região.

Adicionalmente, futuras investigações poderiam incidir sobre elementos específicos da identidade, tais como a geografia, as tradições ou os costumes locais, com o objetivo de compreender melhor a relação destes fatores com a identidade dos alunos.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

### **Limitações do Estudo**

Apesar dos contributos desta investigação, algumas limitações devem ser consideradas. A primeira limitação prende-se com a dimensão da amostra, que, sendo reduzida, pode não permitir a generalização dos resultados a outros contextos educativos. Acresce que, na atividade de escrita criativa, um pequeno grupo de alunos encontrava-se ausente por estar envolvido com atividades desportivas na Escola. Além disso, o estudo debruçou-se exclusivamente nas lendas açorianas, não abrangendo outras tradições orais regionais de Portugal, o que poderia permitir uma análise comparativa mais consistente sobre a influência do contexto cultural na aprendizagem.

Outra limitação relevante prende-se com a duração do estudo. A análise foi realizada num curto período, o que impede a avaliação dos efeitos a longo prazo do ensino das lendas na formação identitária e no desenvolvimento das competências linguísticas e de construção textual dos alunos. Adicionalmente, variáveis como o perfil socioeconómico dos alunos ou diferenças de género não foram consideradas, fatores estes que poderiam oferecer uma compreensão mais aprofundada sobre a receção das lendas.

### **Estratégia de Remediação e Propostas para Estudos Futuros**

Para colmatar estas limitações, futuras investigações poderiam recorrer a uma amostra mais ampla e diversificada, incluindo alunos de diferentes regiões de Portugal, de forma a verificar se os efeitos observados se mantêm em outros contextos culturais. Gostaríamos, igualmente, de realizar um estudo longitudinal que acompanhasse os alunos ao longo do tempo, permitindo avaliar os efeitos duradouros da exploração das lendas na sua perceção identitária e no desenvolvimento das suas competências de leitura e escrita. Paralelamente, parece-nos que a adoção de metodologias mistas, que combinem abordagens qualitativas e quantitativas, permitiriam uma visão mais abrangente sobre a influência da literatura oral no processo educativo.

Do ponto de vista prático, cremos que poderia passar por uma integração mais estruturada das lendas nos programas curriculares, de modo a assegurar que a literatura oral não seja abordada apenas de forma pontual, mas sim como um elemento contínuo e transversal no ensino do Português e de forma contextualizada para ir ao encontro dos

diferentes contextos socioculturais dos alunos. Nesse sentido, seria pertinente que se desenvolvessem materiais pedagógicos específicos que facilitassem a exploração destas narrativas em sala de aula.

Por fim, a valorização das lendas na educação exige também um esforço coletivo na sensibilização dos docentes para a importância da literatura oral local na construção do conhecimento e da identidade cultural.

### **Notas Finais**

Pese embora este relatório reflita apenas um segmento do vasto conjunto de aprendizagens adquiridas pela mestranda, a sua elaboração configurou-se, inequivocamente, como uma ocasião privilegiada para a reflexão crítica, incidindo, em particular, sobre a centralidade da Prática de Ensino Supervisionada (PES) na formação inicial de professores. Esta experiência permitiu a integração nas múltiplas vertentes do exercício docente e revelou que ações como observar, planificar, refletir ou avaliar ultrapassam a dimensão retórica ao exigir uma operacionalização intencional, informada e oportuna de atribuir significado às práticas pedagógicas subseqüentes.

Enquanto componente estruturante do percurso formativo, a PES proporcionou a aplicação efetiva, bem como a confrontação crítica, dos saberes teóricos e teórico-práticos desenvolvidos ao longo da formação académica, tanto nas diferentes áreas disciplinares como na sua inter-relação. Esta articulação possibilitou a análise dos seus efeitos na aprendizagem dos alunos e potenciou o desenho de práticas pedagógicas contextualizadas, a identificação de potencialidades e a superação de fragilidades, constituindo-se, assim, como um momento decisivo no processo de consolidação das competências profissionais imprescindíveis a uma práxis educativa rigorosa, reflexiva e de elevada qualidade.

Este percurso formativo, complexo e exigente, foi marcado por avanços e recuos, por momentos de motivação e de desânimo, por decisões ora ponderadas e bem-sucedidas, ora menos conseguidas. Ainda assim, todas estas vivências contribuíram significativamente para o enriquecimento pessoal e profissional da mestranda, não apenas pela sua concretização, mas pelo profundo valor formativo que lhes está inerente.

Realizado na Região Autónoma dos Açores, território de origem da mestranda, este trabalho reflete não apenas o aprofundamento do conhecimento académico, mas também um processo de redescoberta pessoal e profissional. O retorno ao contexto insular permitiu compreender, com maior acuidade, a forma como o meio em que nos inserimos molda a nossa perceção do mundo e, conseqüentemente, influencia as nossas aprendizagens. Neste sentido, o desenho didático não pode dissociar-se dessa construção identitária, devendo, pelo contrário, valorizá-la, reconhecendo que os processos educativos são intrinsecamente dependentes do contexto sociocultural em que se inscrevem.

Concluo este ciclo com um olhar renovado sobre o ensino, consciente de que a construção do conhecimento se faz de forma contínua e dinâmica. Este estudo, para além de um rigoroso exercício académico, revelou-se como uma experiência profundamente gratificante, que me permitiu visitar as narrativas que moldaram a identidade coletiva da minha região, compreender melhor o sítio onde vivo e aqueles que nele habitam. Como afirmam Santos & Santos (2011),

"as lendas têm conseguido manter-se vivas e passar de geração em geração. Algumas permanecem resguardadas no baú da memória até que um dia um gesto ou uma palavra as retira do esquecimento e as transporta novamente para a luz. Nesse dia, tal como uma joia de família muito bem guardada, a lenda é entregue a um novo elemento da família e inicia o novo ciclo da sua vida" (p.25).

Assim, encaro este trabalho não apenas como um contributo para a valorização das lendas açorianas no ensino, mas também como um gesto simbólico de resgate e transmissão do património imaterial, perpetuando-o para as futuras gerações.

## 7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, I. (2001). *Investigação-ação e formação de professores: Uma articulação necessária*. Porto Editora.
- Bauman, Z. (2000). *Modernidade líquida*. Zahar.
- Caetano, R. (2010). *Criatividade e resolução de problemas: metodologia projectural*. ESC.
- Castells, M. (1997). *A sociedade em rede* (Vol. 1, Trad. R. C. Barbosa). Paz e Terra.
- Ceia, C. (n.d.). *Identidade*. In C. Ceia (Coord.), *E-Dicionário de Termos Literários*.  
<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/lenda>
- Cerrillo, P. (2005). *La Voz de la Memoria*. Publicaciones de la Universidad de Castilla-La Mancha.
- Cerrillo, P. (2007). *Sobre el aprovechamiento didáctico del cancionero infantil*. Edición digital de la Biblioteca Virtual Miguel Cervantes. Available:  
[http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/sobreel-aprovechamiento-didctico-del-cancionero-infantil-0/html/013fdd3a-82b2-11df-acc7002185ce6064\\_3.html](http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/sobreel-aprovechamiento-didctico-del-cancionero-infantil-0/html/013fdd3a-82b2-11df-acc7002185ce6064_3.html)
- Cidraes, M. L. (2014). *As lendas portuguesas: Temas, motivos, categorias*. Apenas Livros.
- Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). *Investigação-ação: Metodologia preferencial nas práticas educativas*. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, 13 (2), 355 – 379.
- Coutinho, C. P. (2013). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: Teoria e prática* (2.ª ed.). Almedina.
- Dias, A. (1998). *Os Açores na história da expansão atlântica*. Editorial Presença.
- Dias, J. M. T. (2011). *A história do povo açoriano* (1ª ed.). Publiçor.

- Ebbutt, D. (1985). *Educational action research: Some general concerns and specific quibbles*. In R. Burgess (Ed.), *Issues in educational research: Qualitative methods* (pp. 152-174). Falmer Press.
- Elliott, J. (1993). *Action research for educational change*. Open University Press.
- Fonseca, M. M. (2012). *Literatura infantil e juvenil: leitura literária e educação literária*. Texto Editores.
- Furtado-Brum, Â. (1997). *[A lenda e o imaginário do povo dos Açores]*. In G. Funk (Org.), *Actas do Encontro sobre Cultura Popular: Homenagem ao Prof. Doutor Manuel Viegas Guerreiro (25 a 27 de Setembro de 1997)* (pp. xx-xx). Universidade dos Açores.
- Furtado-Brum, Â. (1999). *Açores: Lendas e outras histórias*. Ribeiro & Caravana Editores.
- Instituto Nacional de Estatística (INE). (2011). *Classificação Portuguesa das Profissões 2010 (CPP/2010)*. Instituto Nacional de Estatística. <https://www.ine.pt/>
- Giddens, A. (1991). *Modernidade e identidade*. Zahar.
- Gimeno Sacristán, J. (2000). *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. Porto Editora.
- Hall, S. (2006). *Identidade cultural na pós-modernidade* (T. T. da Silva & G. Cohn, Trans.). DP&A. (Obra original publicada em 1992).
- Jaworski, A., & Coupland, N. (2006). *The Discourse Reader* (2.ª ed.). Routledge.
- Karasu Avci, E., İbret, B. Ü., & Recepoğlu, S. (2017). *Geography and identity*. In *Geography and Identity* (Cap. 8, pp. 96–105). Kastamonu University. [https://www.researchgate.net/publication/321703704\\_Geography\\_and\\_Identity](https://www.researchgate.net/publication/321703704_Geography_and_Identity)
- Kegan, R. (1982). *The evolving self: Problem and process in human development*. Harvard University Press.

Latorre, A. (2003). *La Investigación-Acción*. Graó.

Leal, J. (1997). *Açorianidade: literatura, política, etnografia (1880–1940)*. *Etnográfica*, 1(2), 191–211. <https://doi.org/10.4000/etnografica.4381>

Leitão, L., & Alarcão, I. (2006). *Supervisão da prática pedagógica: Uma perspetiva de desenvolvimento e aprendizagem*. In I. Alarcão (Org.), *Formação reflexiva de professores: Estratégias de supervisão* (pp. 47 – 71). Porto Editora.

Lopes, M. C. R., & Aparício, R. (2023). *Palavras em Linha: 5.º ano – Português*. Porto Editora.

Morote Magán, P. (2000). Las leyendas y su valor didáctico. In E. Martos & otros (Eds.), *Historia crítica de la literatura infantil e ilustración ibéricas. Actas del II Congreso de Literatura Infantil y Juvenil* (pp. 391 – 403). Editora Regional de Extremadura.

Martins, J. A., et al. (2022). *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Ministério da Educação. <https://www.dge.mec.pt/perfil-dos-alunos>

Matras-Mastalerz, W. (2016). *The role of national legends in the process of shaping the identity of children and teenagers*. *Annales Universitatis Paedagogicae Cracoviensis. Studia ad Bibliothecarum Scientiam Pertinentia*, 14, 365–377. <https://doi.org/10.24917/20811861.14.24>

Mello, L. (1992). *A tradição oral e os mitos populares no Brasil*. Editora da Unesp.

Mónico, L. S., Alferes, V. R., Castro, P. A., & Parreira, P. M. (2017). *A observação participante enquanto metodologia de investigação qualitativa*. *Atas do Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa (CIAIQ)*, 3, 724–733.

Nemésio, V. (1956). *Açorianidade e identidade insular*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

- Nogueira, C. (2008). *Do conto popular e da lenda à literatura para crianças e jovens: A propósito de Diabos, Diabritos e Outros Mafarricos, de Alexandre Parafita. Culturas Populares. Revista Electrónica, (7), 1–11.*
- Parafita, A. (1999). *A tradição oral na literatura portuguesa*. Edições Afrontamento.
- Parafita, A. (2012). *Antropologia da comunicação: Ritos, mitos, mitologias*. Âncora Editora.
- Piaget, J. (1952). *The origins of intelligence in children*. Norton.
- Pires, N. A. (2011). *O advérbio de lugar em romances épicos e históricos da tradição oral moderna portuguesa: Para o estudo das estruturas de localização*. eHumanista, 18, 307-315.
- Pires, N. A. (2021). *O romanceiro quer ir à biblioteca*. In C. Dias, C. Santos, L. Cardoso, & V. Correia (Coords.), *Atas do Congresso Internacional sobre Literacias no Século XXI – ICCL2021* (pp. 276 – 287). Instituto Politécnico de Portalegre. <https://doi.org/10.34630/icc2021>
- Pelegrín, A. (Rec.). (1981). *La aventura de oír: Cuentos y memorias de tradición oral*. Ministerio de Cultura, Dirección General de Cooperación Cultural, Centro de Documentación e Investigación de Literatura Infantil y Juvenil.
- Ribeiro, L. da S. (1996). *Obras: IV – Escritos político-administrativos* (C. Enes, Ed.). Instituto Histórico da Ilha Terceira; Secretaria Regional da Educação e Cultura.
- Relph, E. (2008). *Place and placelessness*. In P. Hubbard, R. Kitchen, & G. Vallentine (Eds.), *Key texts in human geography* (pp. 43-51). Sage Publications. <https://doi.org/10.4135/9781446213742.n5>
- Rente, S. D. O. P., Díaz-Corrales, A., Gregório, M., & Coelho, M. (2022). *EuGénio 5.º ano – Caderno de atividades: Português – Gramática, leitura e escrita, léxico e ortografia, produção e interpretação*. Porto Editora. Ribeiro, O. (1996). *O território e a identidade portuguesa*. Gradiva.

- Sánchez Ortiz, C., & Sanz Tejada, A. (Eds.). (2019). *La voz de la memoria: Nuevas aproximaciones al estudio de la literatura popular de tradición infantil* (Colección estudios, 166). Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha.
- Santos, A., & Santos, L. (2011). *As lendas no imaginário açoriano*. BLU Edições.
- Secretaria Regional do Ambiente e Ação Climática. (n.d.). *Parques Naturais dos Açores*. Governo Regional dos Açores. <https://parquesnaturais.azores.gov.pt>
- Silva, J. (2008). *Lendas e mitos na tradição oral portuguesa*. Editorial Caminho.
- Solé, G. (Org.). (2014). *Educação Patrimonial: Contributos para a construção de uma consciência patrimonial*. Centro de Investigação em Educação (CIED), Instituto de Educação, Universidade do Minho. ISBN: 978-989-8525-43-7
- Solé, G. (2004). *Contributo do uso de lendas para a compreensão histórica: Da teoria à prática*. In M. C. Melo & J. M. Lopes (Orgs.), *Actas do 1.º Encontro sobre narrativas históricas e ficcionais* (pp. 99–129). CIED, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Solé, S. (2018). *Potencialidades didáticas do uso de lendas no ensino da história: um estudo com alunos portugueses do 2.º ano do ensino básico*. *Diálogos*, 22(2), 184–201. <https://doi.org/10.4025/dialogos.v22i2.41279>
- Tuan, Y.-F. (1977). *Space and Place: The Perspective of Experience*. Minneapolis: University of Minnesota Press. ISBN: 0-8166-3877-2.
- Valipour, N. (2016). *The Impact of the Myth on the Creation of Identity and Sense of Place*. *Mediterranean Journal of Social Sciences*, 7(2 S2), 209–214. DOI: 10.5901/mjss.2016.v7n2s2p209
- Vygotsky, L. S. (1978). *Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Zumthor, P. (2010). *Introdução à poesia oral* (J. P. Ferreira, M. L. D. Pochat & M. I. de Almeida, Trads.). Editora UFMG. (Obra original publicada em 1983).



## **7. APÊNDICES**

**Apêndice 1. Ficheiro áudio *A Lenda da Lagoa do Negro***



Lagoa do Negro\_ Ricardo Ávila\_vrs 2.wav

## Apêndice 2. Texto em suporte físico *A Lenda da Lagoa do Negro*



### **A lagoa do negro (ilha Terceira)**

Há muitos séculos, viveu na ilha Terceira uma família nobre que tinha ao seu serviço muitos escravos negros.

O morgado, ambicioso e austero, determinou casar a sua filha com um homem muito rico para, desta maneira, aumentar os seus domínios.

Mas a jovem há muito entregara o seu coração a um escravo negro, que retribuía o seu amor na mesma medida.

Ambos sabiam, contudo, que esse amor era proibido, que jamais ficariam juntos.

Desconfiado do comportamento da sua mulher, o marido mandou os seus capatazes prenderem o escravo.

Quando viu os homens no seu encalce, conhecendo bem a maldade do seu senhor, fugiu para o interior da ilha. Havia de viver isolado de todos, comendo do que pudesse caçar e refugiando-se nalguma gruta que encontrasse. Mas os homens do morgado facilmente lhe detetaram as pegadas no musgo esbatido e não tardou que o avistassem. “Alto aí ou disparamos!”, gritaram.


Desfalecido, vendo-se sem escapatória, com os seus perseguidores de um lado e adiante um monte de vegetação fechada, ajoelhou-se, derrotado, e chorou copiosamente. Diz quem sabe, quem viu e ouviu, que o seu chorar fez estacar os homens do morgado, comovidos, como que hipnotizados pelos silvos do desgraçado que repetia o nome da sua amada. E viram estes homens as lágrimas do escravo inundarem-lhe as vestes e mesmo formarem a seus pés uma pequena poça que rapidamente avançava. Pasmados, recuaram, benzendo-se diante tão espantosa visão, as águas chegando ao peito e depois ao pescoço e por fim ...

E assim encontrou aquele homem na morte a paz possível, para resolver o tormento de um amor impossível.

A lagoa lá está até hoje, a lembrar que tudo isto é vero. E dizem que por vezes, quando o nevoeiro é baixo e denso, se pode escutar ao longe aquele chorar de desespero e aquele chamar repetido pelo nome da amada.

Informante: Ricardo Ávila, a 31 de janeiro de 2024

### Apêndice 3. Lenda De Pé de Moura a Moura Morta

|   |   |
|---|---|
|  | <b>LENDA DE PÉ DE MOURA A MOURA MORTA</b> |
| 2023/2024   |   |
| Aluno: _____  | N.º _____ Ano: _____ Turma: _____         |


#### Lenda De Pé de Moura a Moura Morta

Passaram séculos e séculos desde o tempo em que ocorreram estes episódios. Há muito que, vindos da África Setentrional, os mouros se tinham instalado no território a que hoje chamamos o Norte de Portugal. Mas, na época em que se passou a história que vou contar, cristãos e mouros guerreavam-se. E os primeiros tudo faziam para expulsar os segundos desse território. Não faltam lendas a lembrar tempos tão conturbados. Ouçam esta. Certo dia, uma princesa moura navegava Douro acima com o seu amado, quando ouviram um galope de cavalos na margem. Ao avistarem cavaleiros cristãos, tomaram-se de pânico e rapidamente rumaram à margem oposta a fim de se protegerem. Mal a princesa saiu do barco e deu um passo para uma rocha que ali estava, logo a marca do seu pé ficou gravada na pedra. E o lugar passou a chamar-se Pé de Moura. O caminho era pedregoso, o que dificultava a fuga. Muito a custo, os dois jovens venceram a ladeira e embrenharam-se no matagal. A esse local chamou o povo o lugar da Lomba. A princesa sentia-se esgotada de tão íngreme6 subida. Os seus pés delicados estavam doridos e em sangue. – Paremos um pouco, meu bom amigo, senão morro! – suplicou. – Descansemos então – replicou o companheiro –, mas resguardemo-nos dos olhares desses malditos. Para repousarem, o mouro escolheu um lugar escondido, entre as ramagens, junto ao rio. Aí se abrigaram esperando que a escuridão chegasse e os inimigos desistissem da busca. Esse local batizou-o o povo de Pedorido. Quando a noite finalmente caiu, o mouro descobriu uma pequena embarcação abandonada junto da margem e resolveram prosseguir viagem.

Desesperada com a sua sorte, a moura sentia o coração dominado pela revolta. Nesse momento passavam num lugar a que o povo deu o nome de Raiva. De súbito, porém, as águas fizeram-se turvas e agitadas. Estavam junto à foz de outro rio que vinha desaguar no Douro. Durante um certo tempo, os dois jovens ainda lutaram corajosamente com as águas. Mas estas acabaram por vencer: o barco afundou-se e a jovem e o seu amado afogaram-se. Rio Mau, chamaram por isso a esse rio. No dia seguinte, o corpo da princesa deu à margem, num local que haveria de ficar conhecido como Moura Morta. E é assim que o povo explica os nomes desses lugares junto do rio Douro.

João Pedro Mésseder e Isabel Ramalhete (seleção, adaptação e reconto),  
*Contos e lendas de Portugal e do mundo*, Porto, Porto Editora, 2015, pp. 61-63

#### Apêndice 4. Oficina de escrita As Caldeiras Encantadas

 OFICINA DE ESCRITA SOBRE A LENDA AS CALDEIRAS ENCANTADAS  
2023/2024  
Aluno: \_\_\_\_\_ N.º \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_



1. Lê atentamente o texto sobre uma lenda da ilha das Flores. Tendo por base os elementos da história, escreve um desfecho coerente e criativo para a lenda.

*As Caldeiras Encantadas*

No início do povoamento da ilha das Flores, habitava na ilha um rapaz que sonhava em sair de lá e conhecer o mundo. Ele ouvia contar dos marinheiros que aportavam à ilha, histórias relacionadas com todas as maravilhas espalhadas pelo mundo.

Cada dia que passava, aumentava-lhe o desejo de conhecer o que ficava para lá do horizonte. No entanto, o jovem sabia que nunca iria concretizar o seu sonho, porque era, há muitos anos, o único amparo da mãe viúva.

---

---

---

---


---

---

---

---

## Apêndice 5. Lenda As Caldeiras Encantadas

|   |                                   |
|---|-----------------------------------|
|  | <i>AS CALDEIRAS ENCANTADAS</i>    |
| 2023/2024   |                                   |
| Aluno: _____  | N.º _____ Ano: _____ Turma: _____ |

**As Caldeiras Encantadas**

No início do povoamento da Ilha das Flores, vivia lá um jovem que sonhava em deixar a ilha para conhecer o mundo. Ele adorava ouvir as histórias que os marinheiros contavam quando chegavam, falando sobre as maravilhas espalhadas por diversos lugares.

A cada dia que passava, o desejo de explorar o que existia além do horizonte crescia dentro dele. No entanto, o jovem sabia que nunca realizaria esse sonho, pois, há muitos anos, era o único apoio de sua mãe viúva.

Certa tarde, a mãe pediu que ele fosse até a fonte buscar água para o dia seguinte. Quando o rapaz voltava para casa com os potes cheios, percebeu que a água, ao cair dos potes, formava pequenas poças no caminho. Observando aquela água, ele se lembrou das histórias sobre as belas lagoas e caldeiras de outras ilhas. Como na sua não existia nenhuma, decidiu criar as suas próprias.

Sem hesitar, despejou toda a água do pote e, uma a uma, as lagoas da Ilha das Flores começaram a ganhar forma. Com paciência, o rapaz foi moldando a paisagem, criando lagoas fundas e rasas, grandes e pequenas, compondo uma harmonia natural que, dizem, permanece até hoje.

## **Apêndice 7. Transcrição dos textos dos alunos**

### **Aluno A**

(...) Então de noite o jovem pulou da janela fora e escapou da mãe viúva mas ele não sabia que a mãe viúva estava lá fora com uma lanterna mas ele teve uma ideia de ficar atrás da mãe viúva.

E o rapaz conseguiu fugir da mãe viúva e o jovem saiu da ilha das flores.

Mas o que o rapaz viu foi as caldeiras encantadas, então ele queria dar um mergulho mas a mãe viúva lhe apanhou de surpresa e disse: volta para casa já, disse a mãe viúva com uma cara zangada.

Mas passado algum tempo o rapaz conseguiu dar um mergulho nas caldeiras encantadas e quando a mãe viúva morreu ele sentiu-se triste mas o jovem também se sentiu feliz e começou a andar pelo mundo então ele encontrou uma escola portuguesa para estudar e com quem brincar, falar, jogar e divertir e o jovem sentiu-se feliz para sempre mas na escola ele viu uns marinheiros para ele ver a ilha onde a sua mãe morreu.

### **Aluno B**

(...) 2 anos se passaram, só que algo terrível teria acontecido a mãe dele adoeceu e acabou por não resistir e morreu. O rapaz que já era mais velho ficou muito abalado e sentiu que precisava de uma distração saudável, então decidiu que iria partir da ilha sozinho.

Então arranjou um barco e partiu.

Ele quase naufragou imensas vezes e teve de pescar pois a comida que levou não foi a suficiente acabou passado dois meses no barco. Certo dia, conseguiu finalmente avistar outra ilha. Quando lá chegou avistou uma caldeira que encheu o sorriso dele, a água à volta da ilha era água cristalina e purificava tudo o que lá passava, e até hoje ele jura que ouviu um parabéns vindo da sua mãe.

### **Aluno C**

(...) Certo dia, os marinheiros tinham aportado na ilha então ele perguntou:

- Posso ir contigo? – disse o rapaz.

- Não, mas posso levar-te para um sítio muito bonito.

- Eu sou o único acompanhador da minha mãe.

- Ela pode ir também. - disse o marinheiro.

Então foram para um sítio que tinha caldeiras e o marinheiro achou tão encantado como as histórias.

E eles lá divertiram-se muito e passaram a morar lá.

Mas noutra dia teve um furacão e eles estavam lá em baixo e a casa caiu e eles morreram lá então chamam-se caldeiras encantadas.

### **Aluno D**

(...) Entretanto o rapaz, como estava curioso e triste ele pensou:

- Porque também não haverá histórias encantadas nesta ilha. – pensou o rapaz.

Daqui a pouco tempo, o adolescente pensou em ligar ao seu amigo para explorarem a ilha.

Eles então marcaram de se encontrar em uma floresta abandonada para seguirem seus objetivos.

O amigo James disse:

- Olá Tiago, por onde começamos a explorar?

- Acho que devemos começar pelo Oeste, aceitas? – respondeu o Tiago.

- Acho que é uma bela ideia agarra na tua bicicleta e vamos partir para essa aventura.

Quando chegaram ao Oeste não encontraram nada a não ser uma mera pedra, mas quando o Tiago viu a pedra de perto viu um mapa com o seguinte título “Caldeiras Encantadas” ele alegre foi contar ao seu amigo a notícia, o Tiago falou:

- James encontraste o mapa das caldeiras que os marinheiros tanto falavam!!! – disse o Tiago.

Por fim, quando chegaram lá viram as caldeiras brilhantes e o Tiago falou:

- Meu deus parece as 7 maravilhas do submundo amigo meu sonho tornou-se realidade. FINALMENTE!!!

### **Aluno E**

(...) Então pensando nunca realizar o seu sonho o menino ficou triste, passaram vários dias até que os marinheiros chegam. O jovem vai ter com os marinheiros para poder

ouvir histórias, chegando lá ele ouviu atentamente as histórias. Uma delas era a história de quando os marinheiros caçavam um monstro marinho, os marinheiros contam que o monstro era gigante e que quase destruiu todo o navio e foi o que aconteceu o navio destruiu-se em pedaços.

O jovem ficou encantado com a história mas sabendo que não se poderia ir embora foi para casa pois já se fazia tarde.

3 anos se passaram e a mãe dele faleceu, o jovem lembrando-se das histórias dos marinheiros decide embarcar sozinho numa viagem pelo mundo, durante a viagem encontra locais incríveis tal iguais como nas histórias dos marinheiros e também enfrentou diversas tempestades.

Então quando voltava a ilha das Flores foi atacado por piratas, os piratas venceram-no e prenderam ele enquanto era levado para a cela apercebeu-se que a sua cela era numa caldeira, onde ficou dias.

Até que parecendo por magia a chave que o guarda que estava a dormir caiu e o jovem apanhou soltando-se e fugindo, e esse lugar foi chamado de as Caldeiras Encantadas.

#### **Aluno F**

(...) Um belo dia ele estava muito pensativo queria muito mesmo conhecer o mundo ele perguntou à mãe se ele podia ir e a mãe disse que sim e o menino perguntou se iria ficar bem e ele disse que sim ele fez suas malas e foi para uma ilha que lá havia piratas e marinheiros ele disse se podia participar de navegar que era o seu sonho e eles disseram que sim então ele partiu e ele apanhou muitos peixes ele estava muito contente ele estava a ir para muitas ilhas passado muito tempo ele queria voltar para casa estava preocupado com a sua mãe e decidiu ir.

O menino foi pensando se a sua mãe estava bem passou uma hora e ele chegou de volta a sua casa e se sentiu aliviado ele entrou e viu a mãe ele e ela ficaram muito felizes eles se abraçaram eles almoçaram peixes que ele tinha apanhado e viveram felizes.

#### **Aluno G**

(...) Passaram-se anos e anos e com a correria dos dias o rapaz deixou para trás o seu sonho e infelizmente a sua mãe faleceu.

Dias depois, encontrou um grupo de marinheiros que traziam uma linda menina chamada Inês. Os dois apaixonaram-se ao pé de uma linda caldeira que havia lá, por isso, chamaram a essa, a caldeira encantada. Alguns meses depois partiram os dois, de barco, para ir até ao fim do horizonte juntos.

#### **Aluno H**

(...) O jovem ouvia muito essa história e ele ficava impressionado com essa história e ele decidiu ir fazer a aventura para ver as caldeiras encantadas para saber o que era caldeiras e o jovem tinha uma mãe viúva e ela foi mais o seu filho e os marinheiros encontraram o jovem e os marinheiros perguntaram – o que estás a fazer aqui? E o jovem disse: eu estou aqui para ver as caldeiras os marinheiros disseram: nunca mais viste as caldeiras como sabes onde ficam as caldeiras? O jovem disse: eu ouvi muitas vezes histórias sobre as caldeiras. Passou dois anos depois e ele foi a casa e procurou a mãe ele chegou ao quarto e a sua mãe ficou doente ele foi às caldeiras w depois chegou a casa e a sua mãe tinha morrido e ele começou a chorar tanto que ficou assustado.

#### **Aluno I**

(...) Certo dia a mãe do rapaz levou-o a um barco para ele conhecer a ilha Terceira e a mãe dele também foi com o menino. E então o rapaz e a sua mãe chegaram ao seu destino. E depois eles ficaram na ilha Terceira durante 5 dias e antes de partirem para a sua ilha avistou uma caldeira encantada mas infelizmente a mãe do rapaz adoeceu mas eles voltaram para a ilha das Flores.

#### **Aluno J**

(...) Certo dia o rapaz vê um barco de marinheiros e decidiu esconder-se, alguns minutos depois chegou o marinheiro e seguiu viagem. O rapaz grita Sim, Sim, Sim e o marinheiro olha muito assustado:

- O que se passou quem está aí.

Eu sou uma fada ó isso é mentira...

- hahaha o marinheiro é muito atrapalhado com o que diz o rapaz.

**Aluno K**

(...) Ele era a única companhia da sua mãe.

Certo dia o rapaz estava a passear, e teve uma ideia se a sua mãe conhecesse alguém que gostasse e que pudesse morar com ela, assim, o menino já podia ir realizar o seu sonho.

Passado algum tempo ele decidiu falar sobre a sua ideia com a mãe.

Então lá foi ele conversar com a sua mãe.

Depois de uma longa conversa, a sua mãe decidiu que ele podia ir pois afinal ela já era adulta e sabia cuidar de si. Então no dia seguinte ele partiu no seu barco.

Passados três meses ele foi parar a uma ilha desconhecida, e quando saiu do barco avistou uma linda caldeira a que chamou Caldeira Encantada.

## Apêndice 8. Textos dos alunos

### Aluno A

Então de volta a falar sobre a família. Então a mãe  
viveu com a mãe solteira, mas a mãe solteira estava lá  
para ser uma lanchonete, mas de fato, uma ideia de falar  
a mãe da mãe solteira.  
E o rapaz português fugiu da mãe solteira e a família  
saiu da mãe solteira.  
Mas é que o rapaz não foi expulso da mãe solteira.

então de volta a falar sobre a família. Então a mãe solteira  
ela acabou de falar e disse: então há um tempo atrás  
a mãe solteira com uma boa família.  
Mas depois algum tempo, o rapaz português fugiu da mãe  
solteira, mas a mãe solteira estava lá e quando a mãe solteira  
morreu, ela se sentiu muito triste e depois também se  
sentiu feliz e amou a mãe solteira muito. Então  
ele encontrou um escola portuguesa, então estudou e  
queria ler, falar, jogar e divertir e a família estava  
feliz para sempre, mas na escola ele não aprendeu  
porque ele não é um aluno, então sua mãe solteira.

**Aluno B**

2 anos se passaram, só que algo terrível teria acontecido a mãe dele adoeceu e acabou por não resistir e morreu. O rapaz que já era mais velho ficou muito abalado e sentiu que precisava de uma distração saudável, então decidiu que iria partir para Ilha Jozinho.

Então arranhou um barco e partiu. Ele quase naufragou inúmeras vezes e teve de pescar pois a comida que se vai não foi a suficiente para passar dois meses no barco. Certo dia conseguiu finalmente avistar outra ilha. Quando lá chegou avistou uma cabana que encheu o sorriso dele, a hora da volta da Ilha <sup>de</sup> Cristovão e purificava todo o que lá passava e até hoje ele jura que ouviu um varabens vindo da sua mãe.

**Aluno C**



Entretanto o rapaz, como estava curioso a respeito  
do assunto.

- Porquê também não vais visitar aqueles outros locais  
que são tão bons?

Daqui a pouco tempo, o adolescente pensou  
em ir até ao seu amigo para explorar os locais.

Eles, que já tinham de lá saído em uma

frontera abandonada para seguirem para o norte.

Uma semana depois, quando chegaram ao seu destino

O amigo João disse:

- Olá Tiago por onde estás agora e a que horas?

- Não sei, talvez por onde estiveres? - respondeu Tiago

- Acho que é um bom local agora no teu trabalho

e vamos partir para esse assunto.

Quando chegaram ao Oeste não encontraram

de um lado um bom trabalho, mas quando

o Tiago viu a placa de perto viu um

mapa com o seguinte título "Colónia Brasileira"

e o amigo João foi com ele ao seu amigo a

matéria, o Tiago falou:

- João acredita o mapa das colónias e os

os habitantes são todos? - disse o Tiago

Por fim quando chegaram lá viram os colónias

brilhantes e o Tiago falou:

- Mas não há mais os 7 habitantes do Sudoeste

mas não sabe dizer-se verdade FINALMENTE!!

Aluno E

Então pensando nunca realizar o seu sonho o menino ficou triste, passaram vários dias até que os marinheiros chegaram. O jovem vai falar com os marinheiros para poder ouvir as suas histórias, chegando lá ele ouve atentamente as histórias. Uma delas era a história de quando os marinheiros caçaram um monstro do mar marinho, os marinheiros contam que o monstro

era gigante e que quase destruiu toda a marinha, e foi o que aconteceu a marinha destruiu-se em mil pedaços.

O jovem ficou encantado com a história mas sabendo que não se poderia ir embora foi para casa pois já se fazia tarde.

3 anos se passaram e a mãe dele faleceu, o jovem lembrando-se das histórias dos marinheiros decide embarcar sozinho numa viagem pelo mundo; durante a viagem encontra locais incríveis tal igualis como nas histórias dos marinheiros e também enfrenta diversas tempestades.

Então quando voltava a ilha das flores foi atacado por piratas, os piratas venceram-no e prenderam ele enquanto era levado para a cela aperceber-se que a sua cela era numa caldeira, onde ficou dias.

Até que parecia por magia a chave que o guarda que estava a dormir caiu e o jovem apunhou saltando-se e fugindo, esse lugar foi chamado de as caldeiras encantadas.

Aluno F

Um belo dia ele ficou muito pensativo queria muito mesmo conhecer o mundo ele perguntou a mãe se ele podia ir e a mãe disse que sim e menino perguntou se iria ficar bem e ele disse que sim ele usou seus maôs e foi para uma ilha que lá havia frutas e marinhão ele disse se podia participar da marinha que era o seu sonho e eles disseram que sim então ele partiu ir ele apANHOU muitas coisas ele estava muito contente de estar a ir a muitas ilhas depois de muito tempo ele queria voltar para casa então procurado com sua mãe e disse: "diz-me, mãe, se a mãe estava bem?" e o menino foi pensando se a mãe estava bem e por um dia chegou de volta a sua casa e se sentiu aliviado de estar em casa e a mãe ele e ela ficaram muito felizes eles se abraçaram eles abraçaram os pais que ele tinha apANHADO e viveram felizes.

Aluno G



O jovem soube muito essa história e ele ficou impressionado com essa história e ele decidiu ir fazer a aventura para ver as caldeiras encantadas para saber a qual era a caldeira e o jovem tinha uma mãe viúva e ela foi muito a seu

filho os marinheiros encontraram o jovem e os marinheiros perguntaram: a qual estás a fazer a qual é a caldeira disse: eu estou aqui para ver as caldeiras os marinheiros disseram: nunca viste as caldeiras como tu sabes onde é a caldeira? O jovem disse: eu soube muitas vezes histórias sobre as caldeiras por isso depois ele foi a casa e mostrou para a mãe ele chegou ao quarto a sua mãe ficou triste ele foi às caldeiras e depois chegou a casa a sua mãe tinha morrido ele começou a chorar tanto que ele ficou adormecido.

Aluno I

Sendo dois irmãos, Papay e Liany, e a um barco para ela conhecer a ilha terceira e a mãe da talam foi com a mãe. E então a Papay e a sua mãe chegaram ao seu destino. E depois eles chegaram. E depois eles ficaram na ilha terceira durante 5 dias e antes de partirem para a sua ilha avistaram 1

Calteira encantada mas inicialmente a mãe do papay chegou mas eles avistaram para a ilha das Flores.

Aluno J

Perda Liany no Umbelico de marinhão, e decide: esperar, alguns minutos depois chegar a marinhão trouxe viagem. O Papay grita sim, sim, sim, sim e a marinhão olha muito atenta,

- No lugar de quem está aí -  
- Está umgado à ilha e marinhão  
- Talam a marinhão e muito atenta com a que seg. diz

o papay

Aluno K

Ele era a única criança da sua mãe.  
Certo dia ele estava a passear, e teve uma  
ideia se a sua mãe conhecesse-se alguém que  
gostasse e que fidesse morar com ela, assim o  
bebê já podia ir realizar o seu sonho.  
Passado algum tempo ele decidiu falar sobre  
a sua ideia com a mãe.

Então lá foi ele conversar com a sua mãe.  
Depois de uma longa conversa, a sua mãe  
decidiu que ele podia ir pois a filha já era  
adulta e sabia cuidar de si. Então no dia  
seguinte ele partiu no seu barco.  
Passado três meses ele foi parar a uma ilha  
desconhecida e quando saiu do barco avistou  
uma ilha caldeita a que lhe chamou Caldeita  
chocante.

## Apêndice 9. Inquérito por Questionário

### Questionário

**Lê com atenção:**

**Preenche este inquérito de forma sincera.**

Não serás avaliado por este inquérito e o que tu escreveres será somente usado no estudo que eu (professora estagiária Márcia Ávila) estou a realizar sobre as lendas. Este inquérito é anónimo, por isso, **não escrevas o teu nome em lado nenhum.**

Assinala com um X:

Masculino

Feminino

Idade: \_\_\_

1. Achaste interessante o estudo das lendas açorianas que realizaste? Porquê?

---

---

2. As lendas abordadas ajudaram-te a compreender melhor a região onde vives?

Sím.

Não.

3. As histórias antigas da nossa região fazem-te sentir mais próximo(a) do lugar onde moras?

Sím.

Não.

4. Que tradições, valores ou lições aprendestes sobre os Açores através das lendas?

(podes assinalar mais do que uma)

A importância do respeito pela natureza e pelo meio ambiente.

O valor da comunidade e do trabalho em equipa.

Histórias sobre coragem, honra e justiça.

Lições sobre a história e as origens dos Açores.

**5.** Dos elementos culturais e geográficos presentes nas lendas dos Açores, quais os que identificaste (podes assinalar mais do que uma)?

Paisagens naturais dos Açores.

Tradições culturais específicas dos Açores.

Personagens ou criaturas mitológicas que traduzem fenómenos naturais dos Açores.

Uso de linguagem ou expressões típicas dos Açores.

**6.** Na tua opinião, de que forma o estudo das lendas contribui para a tua melhor compreensão do património cultural açoriano? (podes assinalar mais do que uma)



Fortalece o conhecimento e o respeito pela história e tradições locais.

Cria uma ligação afetiva e cultural com as gerações anteriores.

Inspira o orgulho na singularidade e na riqueza cultural dos Açores.

Não contribuiu em nada.

**Apêndice 10. Pedido de autorização aos Encarregados de Educação – Trilho de interpretação Cultural e Ambiental**

|   |  |   |
|---|--|---|
|  | <p>Secretaria Regional da Educação, Cultura e Desporto</p> <p>Direção Regional da Educação e Administração Educativa</p> |  |
|---|--|---|

---

**Informação/Autorização**

**Assunto: Trilho de Interpretação Cultural e Ambiental – 6 de junho de 2025**

Exmo. Sr. / Exma. Sr.ª Encarregado(a) de Educação

Exmo./a Sr./a Encarregado/a de Educação,

Exmo. Sr. / Exma. Sr.ª Encarregado(a) de Educação,

Venho por este meio informar que está agendada uma **saída de campo de cariz ambiental e cultural**, no âmbito das atividades promovidas pela **Secretaria Regional do Ambiente e Ação Climática**, destinadas à área da Educação Ambiental e Cultural.

A atividade irá decorrer no **trilho ambiental da Lagoa do Negro**, no dia **6 de junho de 2025**, com saída da escola pelas **9h30** e regresso previsto para as **12h00**. Os alunos serão acompanhados por um técnico da Secretaria Regional do Ambiente e Ação Climática, bem como pelos professores da turma. O transporte será assegurado por **carrinha disponibilizada para o efeito**.

Desta forma, agradecia que preenchessem o destacável abaixo e o entregassem ao diretor de turma, **até ao dia 30 de maio**, a fim de confirmar a participação do/a educando/a na atividade em questão.

Com os melhores cumprimentos,

Solicita-se, assim, que o destacável infra seja preenchido e entregue ao diretor de turma **até ao dia 30 de maio**, de forma a confirmar a participação do/a educando/a nesta atividade.

Com os melhores cumprimentos.

Angra do Heroísmo, 21 de maio de 2024  
O diretor de turma,

---



Secretaria Regional da Educação, Cultura e Desporto

Direção Regional da Educação e Administração Educativa



✕-----

**(Devolver ao diretor de turma, até ao dia 30 de maio)**

Eu, encarregado(a) de educação do(a) aluno(a) \_\_\_\_\_, n.º \_\_\_\_\_, da turma \_\_\_\_\_, do \_\_\_\_\_º ano de escolaridade, fui informado(a) de que o(a) meu/minha educando(a) poderá participar numa **saída de campo de cariz ambiental e cultural**, no âmbito das atividades promovidas pela **Secretaria Regional do Ambiente e Ação Climática**, que terá lugar no trilho ambiental da **Lagoa do Negro**, no dia **6 de junho de 2025**, entre as **9h30** e as **12h00**.

Assinalar com um X a opção:

|                          |  |
|--------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> | <b>Autorizo</b> a participação do(a) meu/minha educando(a) na saída de campo referida.     |
| <input type="checkbox"/> | <b>Não autorizo</b> a participação do(a) meu/minha educando(a) na saída de campo referida. |

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de maio de 2024

O/A Encarregado(a) de Educação,

\_\_\_\_\_



## Apêndice 11. Pedido de autorização para a realização de investigação no contexto escolar

### Pedido de Autorização à Escola Básica e Secundária Tomás de Borba

**Exmo. Senhor Presidente do Conselho Executivo**

da Escola Básica e Secundária Tomás de Borba

**Dr. Filipe Almeida**

Eu, **Márcia de Fátima Fagundes Ávila**, no âmbito do Relatório Final do **Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal do 2.º Ciclo do Ensino Básico**, da **Escola Superior de Educação de Coimbra**, estou a desenvolver um estudo intitulado *A lenda nos manuais escolares do 2.º CEB – O caso dos Açores*, que visa verificar em que medida as lendas presentes nos manuais escolares permitem trabalhar a identidade comunitária da Região Autónoma dos Açores. Este estudo pretende explorar a influência das lendas no desenvolvimento da identidade cultural e comunitária entre os alunos do 2.º Ciclo.

Para levar a cabo esta investigação, solicito a V. Ex.ª **autorização para realizar a recolha de dados junto de uma turma do 5.º ano** dessa escola. A colaboração dos alunos consistirá no preenchimento voluntário e anónimo de um questionário, cuja duração prevista é de aproximadamente 15 minutos. Os objetivos do estudo serão previamente explicados aos participantes, sendo-lhes garantido o direito de desistir da participação a qualquer momento.

Comprometo-me a salvaguardar os interesses dos participantes, assegurando o anonimato e a confidencialidade da informação recolhida, bem como a minha total disponibilidade para prestar qualquer esclarecimento adicional ou colaborar em aspetos que a escola considere pertinentes.

Agradeço, desde já, a atenção dispensada.

Com os meus melhores cumprimentos,

Com os meus melhores cumprimentos,

---

Márcia de Fátima Fagundes Ávila

**Contactos:**

Telemóvel: 922253623

Correio eletrónico: marcyacores@gmail.com

## Apêndice 12. Consentimento Informado – Encarregados de Educação

### Consentimento Informado

Exmo./a Encarregado/a de Educação,

Eu, **Márcia de Fátima Fagundes Ávila**, no âmbito do meu Relatório Final do **Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal do 2.º Ciclo**, da **Escola Superior de Educação de Coimbra**, estou a desenvolver um estudo intitulado *A lenda nos manuais escolares do 2.º CEB – O caso dos Açores*, que procura averiguar em que medida as lendas presentes nos manuais escolares permitem trabalhar a identidade comunitária da Região Autónoma dos Açores. Este estudo visa compreender, através do desenvolvimento de atividades pedagógicas relacionadas com o tema, de que forma as lendas podem contribuir para o reforço da identidade comunitária dos alunos da região.

Para realizar esta investigação, venho solicitar a **autorização para a participação do(a) seu/sua educando(a)**. A participação é **voluntária e anónima**, consistindo no preenchimento de um **breve questionário com a duração aproximada de 10 minutos**. Os objetivos do estudo serão apresentados previamente aos alunos, sendo-lhes garantida a possibilidade de **desistir da colaboração a qualquer momento**, sem qualquer prejuízo.

Comprometo-me a **salvaguardar integralmente os interesses dos participantes**, assegurando o anonimato e a confidencialidade de toda a informação recolhida. Mantenho-me totalmente disponível para prestar qualquer esclarecimento adicional ou colaborar em qualquer aspeto que considere pertinente.

Eu, \_\_\_\_\_, Encarregado(a) de Educação do aluno(a) \_\_\_\_\_

Autorizo       Não autorizo o meu educando a participar no estudo.

Angra do Heroísmo, \_\_\_\_ de fevereiro de 2024

O Encarregado de Educação

**Contactos:**

Telemóvel: 922253623

Correio eletrónico: marcyacores@gmail.com

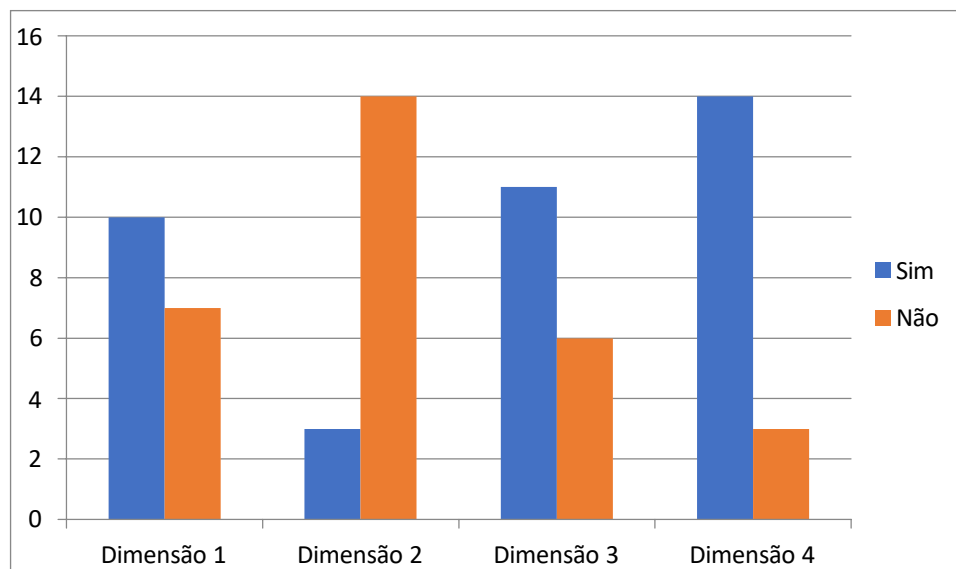
**Apêndice 13. Gráfico 7 *Perceção dos Alunos sobre o Papel das Lendas na Compreensão Local***



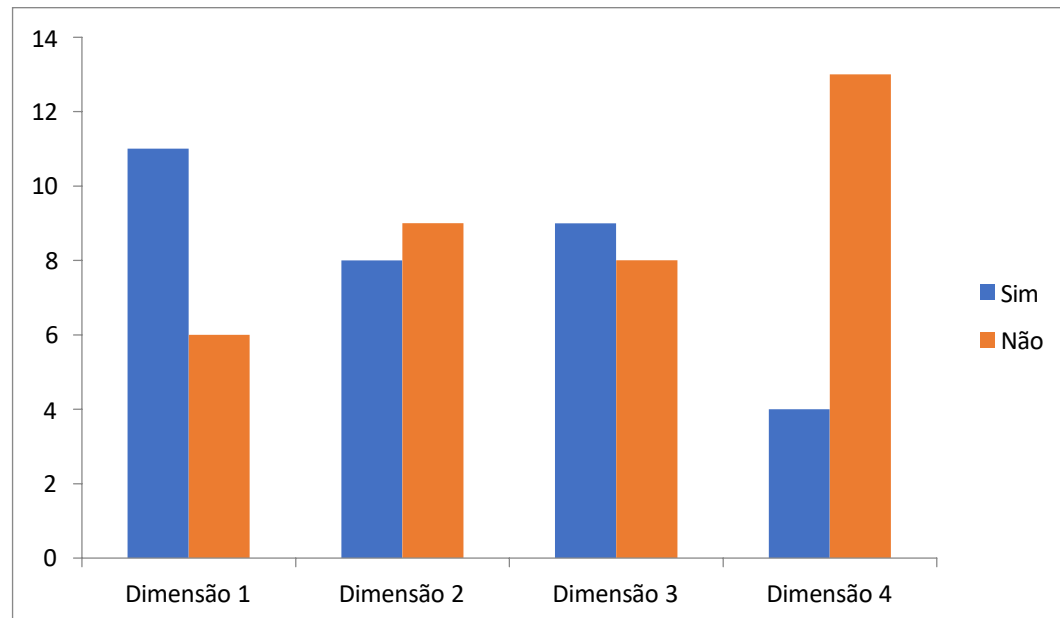
**Apêndice 14. Gráfico 8 *Relação Lendas e a Proximidade com o Lugar de Residência***



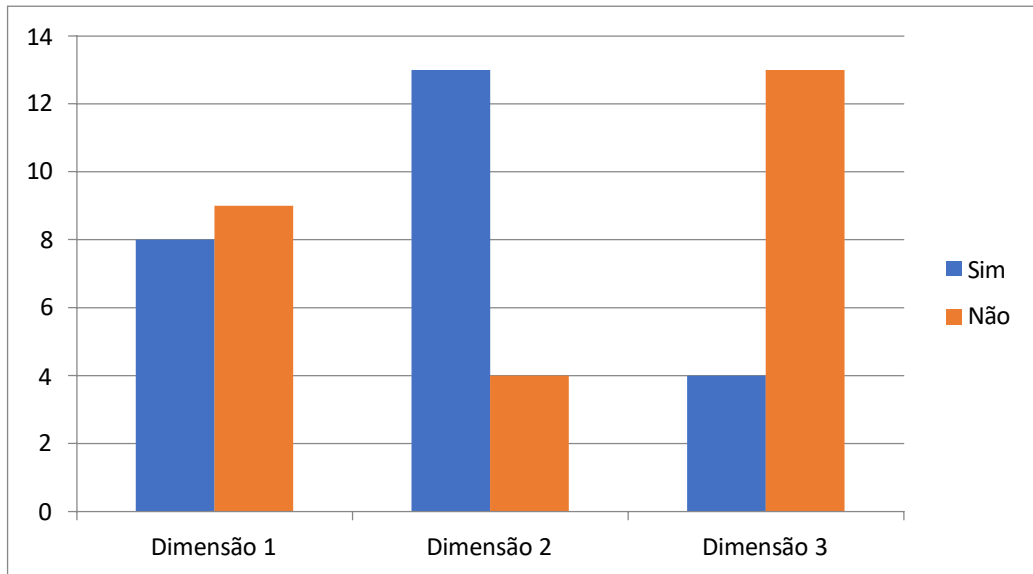
**Apêndice 15. Gráfico 9 Distribuição de Respostas por Dimensão de Análise**



**Apêndice 16. Gráfico 10 Distribuição das respostas sobre a identificação dos elementos culturais e geográficos presentes nas lendas**



**Apêndice 17. Gráfico 11** *Distribuição das respostas sobre a compreensão do património cultural açoriano*



## **8. ANEXOS**

**Anexo 1. Imagem da Lagoa do Negro**



Anexo 2. Exercícios de exploração da lenda De Pé de Moura a Moura Morta (pag 93)

**F** Conhecer lendas e contos!

PROFESSOR

**EDUCAÇÃO LITERÁRIA (cont.)**

1. 1. Há muitos séculos; 2. No Norte de Portugal; 3. Uma princesa moura e o seu amado; 4. Foram perseguidos pelos cavaleiros cristãos e acabaram por morrer afogados.

1. 1.º e 2.º parágrafos.

10. «Certo dia, uma princesa moura navegava Douro acima com o seu amado, quando ouviram um galope de cavalos na margem.»

11. Transmite a ideia de grande quantidade: passou muito tempo.

12. a. Fugiam dos cavaleiros cristãos que os perseguiam; b. **Sugestão:** Perseguiam-nos pois eram inimigos e queriam expulsá-los do território cristão.

13. a. «E os primeiros tudo faziam para expulsar os segundos deste território»; b. «tamaram-se de pânico»; c. «logo a marca do seu pé ficou gravada na pedra».

14. a. Pé de Moura; b. Lomba; c. Pedrido; d. Raiva; e. Moura Morta.

15. Os nomes das terras.

**COMPREENSÃO DE TEXTO**

8. Refere o assunto do texto, respondendo às perguntas do esquema.

1. Quando? De pé de moura a moura morta 3. Quem?

2. Onde?

4. O quê?

9. Indica os parágrafos do texto que correspondem à introdução.

10. Transcreve do texto a frase que apresenta a situação inicial da história.

11. Relê a expressão seguinte:  
«Passaram séculos e séculos...» (l. 1)  
Que ideia transmite a repetição da palavra?

12. A princesa e o seu amado encontravam-se numa situação de fuga.

a. De quem fugiam?  
b. Que razão teriam para fugir?

13. Transcreve do texto expressões que provem o seguinte:

a. Cristãos e mouros guerreavam-se não apenas por questões religiosas.  
b. A princesa moura e o seu amado sentiram muito medo quando se aperceberam da aproximação dos cavaleiros cristãos.  
c. A princesa andava descalça.

14. Preenche, o esquema, no teu caderno, identificando as várias localidades referidas no texto.

De Pé de Moura a Moura Morta

a. → b. → c. → d. → e.

15. Se as lendas costumam misturar a realidade com a fantasia, o que tem esta de real?

**Anexo 3. Imagem Lagoa Rasa e Lagoa Funda, Ilha das Flores**







